

Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Marcelo

Mamãe, estou aqui!



Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Marcelo

Matão, SP
6ª edição

2014
CASA EDITORA
O CLARIM

Palavras do autor

Meu nome é Marcelo e estou na Espiritualidade há alguns anos. Gosto de escrever e de observar as pessoas, as situações e tudo o que acontece.

Faço parte de equipe de jovens desencarnados e frequento regularmente a Mocidade Espírita “Cairbar Schutel”, da Sociedade Espírita “Maria de Nazaré”, em Rolândia (PR).

Durante algum tempo estive fazendo um estágio na Escola “Recanto das Flores”, na pequena cidade espiritual de “Céu Azul”, e, em contato com as crianças, senti vontade de escrever contando aos irmãos encarnados as experiências delas, como vivem, o que fazem. Elas gostaram da ideia e me solicitaram que fizesse isso, aplaudindo entusiasticamente.

Considero que aí na Terra existe ainda uma grande necessidade de informações a respeito do Plano Espiritual. De um modo geral, as pessoas acreditam que “morreu, acabou”. E isso é muito triste.

Vemos famílias inteiras em desespero por terem perdido seus filhos, entes queridos que julgam nunca mais poder rever.

Puro engano. A vida continua, mais bela, mais feliz, mais agradável. É preciso que as pessoas se abram para as coisas espirituais, que tanto consolo poderão lhes oferecer.

E é isso o que nós propomos. Consolar os desesperados, alegrar os tristes, levantar os deprimidos, dar força aos fracos, dizendo-lhes:

– Ouçam todos! A morte não existe! Os seus entes queridos continuam a amá-los da mesma forma que quando eram “vivos”. Continuam a estudar, brincar, aprender. E querem que vocês saibam disso, para que possam ajudá-los nesse novo mundo onde estão e também serem ajudados, mudando a maneira de pensar sobre a morte. Acreditem, tudo que acontece com vocês os alegram ou os entristecem.

Deus é amor! A seus filhos – que somos todos nós – reserva o melhor, como bom Pai que é. É preciso que saibamos aceitar Sua vontade, compreendendo que Ele sabe o que faz. Tudo tem uma razão de ser. Nada acontece por acaso. Algum dia vocês terão as respostas às suas indagações.

A Doutrina Espírita é bênção de luz que, desde o século passado, vem nos trazer informações a respeito da imortalidade da alma, do mundo espiritual e das relações que regem os dois mundos, mostrando essa outra realidade que existe desde sempre e que os homens se recusam a ver.

É, sobretudo, o Consolador prometido por Jesus em sua mais pura acepção, pois elimina o medo da morte e desvenda aos olhos admirados do homem encarnado a grandeza de Deus, nosso Pai, que é todo amor, bondade, justiça e sabedoria.

Espero que, conforme minha vontade, e também atendendo ao pedido das crianças, eu atinja o objetivo de transmitir a vocês, de forma

MAMÃE, ESTOU AQUI!

clara, agradável e acessível, o que me propus.

Assim, entrego este texto, elaborado com muito carinho, de 30/8/1994 até esta data, desejando aos leitores que estas páginas possam trazer-lhes consolo, esperança, alegria e otimismo. Que as vivências aqui relatadas possam ser úteis de alguma forma e sirvam de exemplo àqueles que precisarem de ajuda e estiverem em sofrimento.

Foi uma experiência extremamente gratificante. Agradeço ao Senhor a oportunidade concedida de poder enviar estas mensagens aos encarnados. Sem a permissão de Deus, nada disso seria possível.

Que Jesus os ampare e ilumine sempre!

Marcelo

Sociedade Espírita “Maria de Nazaré”, Rolândia (PR), 15/4/1996.

1. Mudança de vida

Celina deixara a Terra retornando para o plano espiritual, vitimada por enfermidade grave.

Tinha apenas oito anos de idade, e os pais amorosos e os irmãozinhos menores ficaram sob imensa tristeza.

Contudo, para Celina, um novo mundo surgia.

Despertou num quarto de hospital, limpo e arejado, e a primeira pessoa que viu foi a vovó Catarina, que desencarnara alguns anos antes e por quem sempre fora muito afeiçoada.

Vendo o rosto sorridente inclinado sobre ela, exclamou espantada:

– Vovó Catarina! Mas você já morreu!

A senhora respondeu, bem-humorada:

– Puro engano. Como pode ver, minha neta, estou viva.

– Ah! Onde estou? – quis saber a menina, curiosa.

– Você está num mundo diferente agora, muito mais bonito e agradável que aquele onde vivia antes.

– E a mamãe, o papai e os maninhos?

A avó respondeu, tranquilizando-a:

– Eles não puderam vir, minha netinha. Você os reverá tão logo seja possível.

– Por quê? – indagou a garota, chorosa. – Eu quero a mamãe!

Ternamente a senhora explicou:

– Acalme-se. No momento, isso é impossível. Contudo, logo sua mãe poderá vir visitá-la.

Celina lembrou-se dos dias em que estivera gravemente enferma, da angústia dos pais e recordou os últimos momentos, quando intimamente sentira que estava morrendo. Percebeu que algo de muito grave acontecera com ela, pois se sentia diferente.

Fitou a avó sentada ao seu lado no leito e indagou com uma pontinha de medo:

– Vovó, eu morri?

A senhora respondeu com outra pergunta:

– Você se sente morta?

– Não. Estou muito bem.

– Então, não morreu. A morte não existe, minha querida. Você apenas deixou o corpo de carne, que já não servia mais porque estava doente, e voltou para a verdadeira vida, que é a espiritual.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Mas vovó, estou num hospital, vejo enfermeiras, médicos e tudo o mais!

– Sim. Isso mesmo. Aqui tem tudo o que tem na Terra e muito mais ainda, só que mais aperfeiçoado. A verdade é que a Terra é uma cópia do que existe no mundo dos espíritos, onde está nossa verdadeira vida.

– Que legal! – exclamou a menina. – Quer dizer que morri e estou viva?

– Sim. Só o seu corpo morreu. O espírito continua vivo. Ele é eterno.

Entusiasmada com as novidades, Celina desejou levantar-se.

– Quero sair, passear. Ouço vozes lá fora, vovó.

– Por enquanto você está em recuperação e deve permanecer no leito por alguns dias ainda. Não se preocupe, logo poderá andar.

Dócil, Celina aceitou as informações da avozinha sem maiores dificuldades.

Aos poucos a dor que ainda sentia, proveniente da enfermidade que a vitimara na Terra, foi desaparecendo e a menina pôde deixar o hospital e mudar-se para a casa da vovó Catarina.

Na rua, ia de surpresa em surpresa. Jardins cobertos de lindas e perfumadas flores chamaram sua atenção. O movimento era intenso e as pessoas passavam por ela, sorridentes e bem-humoradas.

Construções bem-feitas e graciosas, cercadas de praças arborizadas, a encantaram. Tudo era bonito e agradável à vista. Apesar da semelhança com as coisas da Terra, era mais leve e delicado.

Celina estava espantada com o que via.

– Mas é uma cidade, vovó!

– De fato. Só que sem os problemas normais das cidades da Terra. Aqui não existem violências, crimes, roubos, fome, miséria.

– É tudo tão lindo! Então, por que é que as pessoas têm tanto medo da morte, vovó?

Atenciosa, a senhora respondeu:

– Por ignorância, minha querida. Porque desconhecem o que seja a verdadeira vida.

Arregalando os olhos, a garota sugeriu:

– Mas a gente não pode ir lá e avisar as pessoas? Elas precisam saber!

A avó sorriu, ponderando:

– Essas informações já foram levadas ao conhecimento do mundo, minha netinha. Basta que desejem e obterão esses conhecimentos.

E assim, conversando, Celina chegou à casa da vovó Catarina, abençoado lar, em que tudo era paz e harmonia, para iniciar uma nova vida.

Conquanto sentisse, às vezes, saudades da família que deixara, Celina estava encantada com a nova situação e desejosa de tudo aprender.

Antes de adormecer fez uma prece, no que foi acompanhada pela avozinha, agradecendo a Deus as bênçãos recebidas e o mundo maravilhoso que se descortinava aos seus olhos.

2. Aprendendo com a natureza

No dia seguinte, Celina despertou muito bem disposta. Vovó Catarina convidou-a para passear no jardim. Defronte à residência da avó havia um jardim muito bem cuidado. A vegetação era de um tom verde brilhante e claro. A grama bem aparada parecia um tapete e havia uma profusão de flores como Celina nunca vira antes, lindas e perfumadas. Muitas delas diferentes das que conhecera quando encarnada.

A garota caminhava entre os maciços de flores, encantada com seu colorido e suas formas.

Celina notou que pareciam “vivas”.

“Claro! Mas, que bobagem! É lógico que estão vivas”, pensou. No entanto, era estranho. A menina reparou que as flores pareciam ter uma sensibilidade maior, como se tivessem sentimentos.

Certo momento, Celina viu uma flor de belo colorido lilás, que lembrava de alguma forma as orquídeas que sua mãe cultivava, mas que, no entanto, era muito mais bonita e maior, meio transparente, como se feita de uma espécie de “vidro”.

Sem pensar, curiosa por vê-la de perto, Celina estendeu o braço e, num gesto brusco, colheu a flor, cortando-lhe o talo.

– Veja, vovó, que linda! Para enfeitar a nossa casa! – exclamou, satisfeita.

A senhora, um pouco afastada, não teve tempo de impedi-la, uma vez que a netinha fora muito ágil. Pesarosa, aproximou-se da menina e informou, com serenidade:

– Aqui nós não colhemos flores, Celina.

– Por que, vovó? É tão linda! Veja.

Ao mesmo tempo que interrogava a avozinha, a garota observou a flor.

Com espanto, Celina percebeu que a flor murchava, parecendo ter perdido toda a seiva, enquanto a cabecinha de pétalas caía, desamparada.

Desapontada, de olhos arregalados, quis saber:

– O que houve, vovó?!... De repente ela murchou! A senhora, com imenso carinho, informou à netinha:

– No plano espiritual, Celina, as plantas são muito mais sensíveis. Por isso, não costumamos arrancá-las do pé. Elas permanecem

MAMÃE, ESTOU AQUI!

sempre vivas e belas enfeitando o jardim. Além disso, nos ajudam na manutenção do ambiente, com suas vibrações balsâmicas e reconfortantes. Têm propriedades terapêuticas e são excelentes para a recuperação de pessoas que chegam ao plano espiritual debilitadas, além de muitas outras utilidades.

– Que pena! Eu não sabia, vovó.

Continuando, a bondosa senhora fitou a netinha, que conservava a flor entre os dedos, com expressão de desolada tristeza.

– Aqui, minha querida, mantemos um permanente respeito pela natureza, conservando as belezas que nos foram concedidas por Deus.

Fez uma pausa e, desviando o olhar para um arbusto próximo, disse:

– Veja! Os pássaros não fogem porque sentem segurança. Confiam nas pessoas, cientes de que não sofrerão mal algum, Como também os outros animais domésticos.

A menina, recordando-se de quando estava encarnada, comentou:

– Eu tinha um vizinho, vovó, o Tadeu, que estava sempre caçando passarinhos com um estilingue. Também maltratava o seu cachorro e batia no gatinho.

– Isso acontece quando as criaturas não respeitam os outros seres da criação. Deus, Nosso Pai, não aprova esse comportamento, porque somos todos irmãos.

Surpresa, a garota, rindo, perguntou:

– Até os animais, vovó?!...

– Sim, como não? São nossos irmãos menores. Por isso, do “lado de cá” da vida, temos muito carinho pelos animais.

– Na escola, a minha professora falou muito sobre ecologia. Disse que o homem está destruindo as florestas, sujando as águas dos rios, poluindo o ar que respiramos e matando os animais.

– Exatamente – concordou a senhora. – A humanidade está passando por terríveis dificuldades, como doenças, miséria e fome pelo desrespeito às leis da vida que regem o planeta. Secas, inundações e uma série de outros flagelos se devem ao desequilíbrio no ecossistema.

– Eco... o quê? – gaguejou Celina, confusa.

– Ecossistema. É o conjunto dos relacionamentos existentes entre o meio ambiente e a fauna, a flora, e os micro-organismos que habitam o planeta, e que promovem equilíbrio biológico, atmosférico etc. Entendeu?

A menina balançou a cabeça: ´

– Que complicação, vovó!

A bondosa senhora concordou, rindo da confusão da neta, que ouvia tudo interessada.

– Puxa, vovó! É preciso que os homens entendam que devem ser mais responsáveis, não é?

– É verdade, Celina.

Vendo a preocupação da netinha, a senhora completou, tranquilizando-a:

– Não se preocupe, minha querida. Isso acontece pelo grau de evolução da criatura humana, que ainda é muito imperfeita. Aos poucos, o homem está progredindo e se conscientizando de que não pode sujar a água que bebe, estragar o alimento que come e nem poluir o ar que respira, porque prejudicará a si mesmo. Quando isso acontecer, a Terra viverá em clima de muita paz.

A menina contemplou a flor desfalecida entre seus dedos e suspirou, compreendendo o que fizera, prejudicando a natureza.

A vovó abraçou a neta e consolou-a, afirmando:

– Quanto à sua flor, vamos plantá-la com muito carinho novamente e, quem sabe, ela não irá se recuperar?

– Será, vovó? – indagou a menina, esperançosa.

– Claro! Com amor e carinho poderemos fazer muita coisa boa.

– Vamos orar a Jesus, vovó, pedindo que isso aconteça bem depressa? – convidou a menina.

A avó olhou a netinha com expressão de amor infinito e, abraçando-a, aconchegou-a ao coração, afirmando:

– Sim, minha querida. Vamos orar, também, agradecendo a Jesus que enviou você para junto de mim, alegrando a minha vida.

3. A visita

Fazia dois meses que Celina havia desencarnado e ela estava quase totalmente recuperada.

Contudo, vez por outra, era acometida por crises que a prostravam ao leito.

A depressão tomava conta dela. Angustiada e triste, punha-se a chorar, desconsolada. Aos gritos, pedia para voltar para casa, afirmando que sua mãezinha estava sentindo muito a sua ausência. Debatia-se no leito e era com dificuldade que a avozinha conseguia segurá-la no quarto.

Nesses momentos, D. Catarina chamava um amigo, Alfredo, que a auxiliava, aplicando passes na menina. Depois dessas crises, ela adormecia profundamente e acordava bem.

Preocupada, a senhora procurou, um dia, seu orientador e amigo, Alfredo, para conversar. Estava apreensiva com a continuidade do problema, considerando que a neta precisava de tranquilidade para se recuperar e que os apelos da mãezinha, aflita e chorosa, prosseguiam causando danos consideráveis ao equilíbrio psíquico e emocional da menina.

– Sabe que não é fácil nos desligarmos dos elos afetivos que nos prendem à Terra, minha cara Catarina – considerou Alfredo com gravidade. – Especialmente nos primeiros tempos, a influência dos familiares é muito grande e seus pensamentos de tristeza e

MAMÃE, ESTOU AQUI!

inconformação afetam o desencarnado, que sofre muito.

– É verdade, Alfredo. Celina está bem, emocionalmente, adaptada à nova vida. Contudo, os apelos da mãezinha saudosa são muito intensos, prejudicando minha neta.

O amigo meditou um pouco e, em seguida, ponderou:

– A benefício da criança, não vejo alternativa. Devemos providenciar uma visita da mãe aflita para acalmar seus receios e, ao mesmo tempo, mostrar-lhe a necessidade de colaborar na recuperação da filhinha desencarnada. Vou marcar a visita para daqui a duas noites. Jesus nos ajudará.

Catarina, mais animada e satisfeita com a decisão, agradeceu ao amigo e retomou ao lar. Lá chegando, a senhora informou à netinha:

– Celina, se tudo der certo, receberá a visita da mamãe em noite próxima.

– Que bom, vovó! Poderei conversar com ela? – perguntou a menina, eufórica.

– Claro, querida.

No dia aprazado, Celina arrumou-se o melhor que pôde e ficou aguardando. Alfredo estava presente e preparou-a para o evento:

– Você não ignora que a mamãe não está bem. Sente muita saudade e seus pensamentos a prejudicam. Por isso, Celina, procure manter a serenidade. Não se deixe dominar pela emoção, para ajudar a mamãe, sim?

– Eu prometo, tio Alfredo.

Passava um pouco da meia-noite quando o orientador alertou:

– Elas estão chegando.

Nesse momento, Celina viu três pessoas adentrarem a sala.

Duas senhoras, postadas uma de cada lado, amparavam uma terceira. Na do meio, reconheceu a mãezinha, que parecia não ter consciência exata do que estava acontecendo.

Abriu um grande sorriso, dizendo:

– Alô, mamãe, estou aqui!

Ao ver a criança à sua frente, correu ao seu encontro:

– Minha filhinha! Minha querida Celina! Que bom! Deus permitiu que nos encontrássemos de novo.

Celina estava muito emocionada, mas controlava-se, pela influência que o orientador Alfredo exercia sobre ela à distância, envolvendo-lhe a fronte em vibrações de paz.

– Mamãe, que saudade!

A senhora, examinando a filha com interesse todo maternal, perguntou:

– Você está bem, minha filha?

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Estou muito bem, mamãe. Vovó Catarina está comigo e tem sido muito boa para mim.

– Ah! Minha mãe! Onde está ela? – indagou, surpresa, lembrando-se da mãe que também partira.

Aproximando-se, a senhora respondeu, envolvendo a filha num carinhoso abraço:

– Estou aqui, minha querida. Que prazer tê-la conosco!

– Ah, mamãe, que saudade sinto da senhora! Vê o que me aconteceu? Não bastava tê-la perdido, agora perdi minha Celina também. Que desgraça, meu Deus!

– Você não perdeu nada, Dalva. Continuamos mais vivas do que nunca. Celina está comigo e estou tomando conta dela. Não se preocupe. Antes, agradeça a Jesus a oportunidade que nos concedeu nesta noite.

Dalva, porém, ansiava por conversar com a menina, e o diálogo entre mãe e filha continuava, demonstrando o amor que existia entre elas.

– Ah, minha Celina! Quanto tenho chorado e me desesperado sentindo a sua falta. A casa ficou triste e nada mais me interessa.

– Eu sei, mamãe – respondeu a garota. – E é exatamente sobre isso que quero lhe falar. Suas lágrimas, seu desespero, me fazem muito mal. Estou bem e Deus nos dará outras oportunidades de nos encontrarmos. Mas você precisa ficar mais tranquila. A morte não existe e a prova é este nosso encontro.

– Tem razão. Preciso ficar calma. Não quero atrapalhar você.

– Outra coisa, mamãe. Não vá ao cemitério. Eu não estou lá, e isso só faz você ficar mais triste. Entendeu?

– Sim. Não devo ir ao cemitério.

– Isso mesmo.

– Fale-me um pouco de você, filhinha. Este lugar é lindo. Vi um jardim florido e cheio de árvores. De quem é esta casa?

– Da vovó Catarina. Sim, tudo aqui é muito bonito, mamãe, e Deus é muito bom.

A senhora suspirou, confortada, abraçando a filha:

– É verdade, Celina. Deus é muito bom.

Uma das senhoras acompanhantes disse algo no ouvido de Dalva e ela lamentou:

– Que pena! Preciso retornar.

Abraçou novamente a filhinha, com imenso carinho, dizendo:

– Gostaria de poder ficar aqui com você.

– Isso não é possível, mamãe. Você ainda está encarnada. Além disso, outras pessoas aguardam seus cuidados na Terra: meu pai e os maninhos. Dê um abraço e um beijo neles por mim.

– É verdade. Tenho seu pai e os seus irmãozinhos.

Ao lembrar-se dos familiares, pareceu um pouco alheia ao ambiente em que estava.

Em seguida, as senhoras, segurando-a pelos braços, despediram-se, conduzindo-a de retorno ao lar terrestre.

Celina estava feliz. Abraçou a vovozinha num transporte de alegria.

– Acredito que, a partir de agora, você vai se sentir cada vez melhor – comentou a senhora.

– Mamãe vai se lembrar do nosso encontro, tio Alfredo?

Sorridente, o amigo informou:

– Não totalmente, mas vai sentir grandes melhoras. Despertará lembrando que sonhou com você num lugar muito bonito e se sentirá aliviada, serena. Ficarão também, em forma de sugestões, os pedidos que lhe foram feitos para não se desesperar e nem ir ao cemitério.

– Que legal! Poderemos nos ver logo? – indagou a menina.

Sempre que for possível.

– Que bom! Vou esperar ansiosa.

4. Encontro inesperado

Com o passar dos dias, Celina foi se recuperando cada vez mais e, dentro de pouco tempo, estava completamente boa e adaptada à nova vida na Espiritualidade.

Ainda tinha momentos de tristeza e saudade, que, felizmente, ficavam cada vez mais raros. Como consequência da visita da mãe, os resultados não se fizeram esperar e as crises de Celina desapareceram.

Nas horas de lazer da vovó Catarina, que trabalhava como auxiliar numa das dependências do hospital, saíam para passear.

Certo dia a vovó convidou Celina para irem ao templo orar. Assim, após os afazeres normais, saíram.

A garota ia feliz. Tudo para ela era novidade e contentamento. O local era muito bonito. Amplo parque, cujo gramado se estendia a perder de vista no meio das árvores. Percorreram um caminho sinuoso que conduzia ao centro do parque.

Ali existiam algumas construções grandes e belas, umas diferentes das outras.

Na sua curiosidade infantil, Celina ia tagarelando:

– Olha, vovó, ali está a igreja católica.

– Isso mesmo, minha filha.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

- E aquele outro prédio, o que é?
- É um templo protestante – respondeu a senhora, atenciosa.
- Ah! E aquele outro, do outro lado?
- É uma mesquita, onde os muçulmanos vão fazer suas orações.

E assim, a bondosa senhora foi respondendo, pacientemente, às perguntas da netinha e mostrando-lhe os templos de diversas religiões, onde cada qual poderia entregar-se às devoções religiosas a que se habituara na Terra.

- E nós, vovó, onde iremos?

A senhora sorriu e apontou uma grande construção no centro da praça redonda:

- Nós vamos ao “Templo da Paz”.
- Por quê? – indagou a menina.
- Porque é para lá que se dirigem todas as pessoas que acreditam em Deus, sem sectarismo religioso.
- Ah!
- Compreendeu?
- Não.

– Sabe, querida, existem pessoas que, passando para o lado de cá da vida, ficam perdidas se não encontram o apoio da religião a que estavam acostumadas e na qual acreditam. Quem estava habituado a contar com o apoio de um padre, procurará a igreja católica, e assim por diante. Entendeu?

- Acho que sim, vovó. E o “Templo da Paz” é para os que não têm religião?

A avó sorriu, explicando:

– Não exatamente. É para aqueles que já compreendem a religião como uma ligação com Deus, sem necessidade do sectarismo religioso comum no planeta.

Catarina olhou para a neta procurando saber se ela havia compreendido e notou que a menina ainda tinha dúvida.

- Mas, vovó, o que é isso de “sectarismo” que a senhora falou?

– Bem, há sectarismo quando alguém que segue uma determinada religião não aceita a maneira de pensar das outras pessoas. Entendeu?

- Ah!...

Contudo, estavam se aproximando da entrada e a avó fez sinal a Celina para que fizesse silêncio, percebendo que a pequena faria mais perguntas.

Entraram. O ambiente deixou Celina deslumbrada. O templo era lindíssimo e tinha uma atmosfera azulada, cuja origem a menina não

MAMÃE, ESTOU AQUI!

conseguiu descobrir.

O teto, alto e majestoso, era todo de um material semelhante ao vidro, que permitia ver o céu.

Muitas pessoas ali se encontravam orando, e as duas acomodaram-se nos bancos existentes.

Logo, um senhor muito simpático aproximou-se e, dirigindo-se para a frente, colocou-se no centro, preparando-se para falar ao público. Celina notou que não existiam altares ou coisas do gênero. Só um globo, que também parecia ser de vidro, e que a deixou muito curiosa de saber para que servia.

O homem fez uma prece e, em seguida, abriu um livro luminoso, como se a luz viesse de dentro dele. Leu um trecho do Evangelho, passando a tecer comentários sobre o assunto.

Nessa hora, Celina não prestou muita atenção porque estava observando uma senhora com uma garota, sentadas do lado oposto, um pouco mais a frente.

Coisa estranha. Parecia reconhecer aquela menina! Onde já a teria visto?

Não conseguiu mais prestar atenção nas palavras que eram proferidas. Não via a hora de acabar o culto.

Quando terminou a reunião, Celina aproveitou que a avó Catarina foi cumprimentar o orador e acompanhou a senhora e a menina, que deixavam o recinto.

A garota parou e fitou-a sorridente, percebendo o interesse de Celina. Esta, sentindo-se estimulada, aproximou-se.

– Olá, Celina! Como vai? – disse a outra menina.

– Você me conhece? – indagou, curiosa.

– Claro! Não se lembra mais de mim?

Celina fez um esforço e arriscou:

– Você parece a Letícia.

– Pareço não. Eu “sou” a Letícia – respondeu a menina, achando graça.

– Você já morreu, não é? De acidente, acho.

– E você também. Só que continuamos vivas, porque a morte não existe.

– Mas, você era muito pequena!

– Sim, mas cresci, assim como você.

Nesse instante, D. Catarina aproximou-se vindo à procura da neta.

– Veja, vovó, encontrei uma amiga. Letícia.

A senhora cumprimentou as desconhecidas.

– Sou Catarina, avó de Celina.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– E eu sou Marta, mãe de Letícia. A senhora está aqui há muito tempo? – perguntou à Catarina.

– Não muito. Vim para cá há cerca de três anos. Agora minha netinha veio morar comigo.

– Nós sofremos um acidente de carro e desencarnamos na mesma época, há quase dois anos.

Assim, conversando animadamente, deixaram o Templo da Paz. Marta convidou-as para irem visitá-las em sua casa.

Enquanto as senhoras trocavam informações, as meninas corriam na grama, contentes com a reaproximação. Especialmente Celina. Estava muito feliz porque agora tinha uma amiga.

Sabendo que Letícia ia à escola, correu para perto da avó, gritando:

– Vovó! Vovó! Letícia vai à escola e eu quero ir também. Posso?

– Claro, querida. Mas, não se apresse. Temos tempo de sobra. Antes, você estava se recuperando. Agora, creio que já pode frequentar as aulas.

– Ah! Que bom. Quando? Amanhã?

Vendo a impaciência da pequena, Marta prontificou-se:

– Posso levar Celina para conhecer a escola, se a senhora não se incomoda.

– Fico muito agradecida com seu oferecimento, pois estarei de serviço amanhã. Mas, não lhe causará transtornos?

– Em absoluto. Tenho mesmo que levar Letícia e será um prazer acompanhar Celina também.

– Quanta gentileza! Então, só posso agradecer sua boa vontade.

– Tenho certeza que Celina gostará muito – afirmou Marta.

Após trocarem endereços despediram-se, prometendo Catarina ir visitá-las assim que fosse possível.

As meninas, de mãos dadas, sorriam satisfeitas, ansiosas para se encontrarem novamente no dia seguinte.

Marta abraçou a nova amiguinha de sua filha, afirmando:

– Amanhã, logo cedo, virei buscá-la.

– Ficarei esperando – respondeu Celina.

Ao se afastar, Letícia virou-se e acenou para Celina:

– Até amanhã, Celina.

– Até amanhã, Letícia.

Foi com o coração repleto de alegria que Celina retomou para casa.

– Agora, já tenho uma amiga!

5. Corpo espiritual

Aprontando-se para sair, Celina acusava intensa expectativa. Aguardava, ansiosa, a chegada da amiga Letícia e da sua mãe, D. Marta, que a levariam para conhecer a escola.

Em virtude disso, levantara muito cedo e agora ultimava os preparativos para o passeio.

Dado momento, a menina passa defronte de um espelho e, ao ver a imagem refletida, estaca, vaidosa, analisando-se com ar crítico. Nisso, um pensamento lhe ocorre:

– Vovó, se meu corpo morreu, como é que eu o estou vendo agora?

A senhora, que observava a netinha a uma certa distância, aproximou-se, rindo, ao ouvir o seu questionamento e respondeu:

– Muito interessante a sua observação, Celina. Este corpo que você vê refletido é o seu perispírito, isto é, o corpo do espírito.

Surpresa, a garota exclamou:

– Mas é igualzinho ao da Terra!

– Sim. No entanto, é o corpo material ou físico que é semelhante a este, minha filha, uma vez que aquele é uma cópia deste.

– Como assim, vovó?!

– É simples, querida. O espírito, que é o ser imortal e inteligente, para se ligar ao corpo de carne precisa de um veículo que o prenda ao mundo encarnado. Esse elo que une o espírito ao corpo físico chama-se perispírito ou corpo espiritual, mas através do tempo foi sendo conhecido por muitas outras denominações.

– Ah!

– É ele que serve de “molde” ao corpo físico quando o espírito renasce na Terra.

– Ah! Quer dizer que eu tinha esse rosto quando vivia na Terra porque meu corpo espiritual era assim?

– Exatamente – confirmou a senhora.

– Que engraçado! – exclamou a menina, olhando detidamente para si mesma e prosseguindo:

– Então as roupas que estou vestindo, também estou vendo o peris...

– Perispírito.

– Peris... perispírito delas?

A bondosa senhora riu, achando graça na ideia.

– Não, Celina, porque só os seres vivos têm perispírito. Você está usando roupas “parecidas” com as que vestia quando encarnada, providenciadas por mim.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Pela senhora, vovó?

– Sim. Quando você ficou doente e compreendi que iria voltar para o mundo espiritual, preparei a casa para recebê-la, de forma que não sentisse falta daquilo a que estava acostumada.

A avozinha fez uma pausa e perguntou:

– Não percebeu que algumas das suas coisas preferidas estão no seu quarto?

Surpresa, a menina começou a se lembrar.

– É verdade. As bonecas, os jogos, as roupas, os livros de histórias... tudo o que eu mais gostava! Como fez isso, vovó?

– Bem, através da força do pensamento.

– Também posso fazer isso?

– Quando estiver em condições, sim. Não é difícil, basta que saiba concentrar sua vontade na direção de um determinado objetivo que deseja alcançar. Mas, essa é uma outra história. Deixemos para depois.

– Por que você teve todo esse trabalho, vovó Catarina?

Com os olhos úmidos, a senhora explicou, fitando a neta com imenso carinho:

– Não queria que sofresse mais do que o necessário, minha filha. Não ignorava que o fato de ter que se separar da família, dos amiguinhos, já seria bastante difícil e doloroso. Então, procurei cercá-la de tudo o que lhe pudesse trazer um pouco de prazer ou de consolo, lembrando-lhe o lar terrestre.

A menina sentiu-se emocionada com o carinho e as atenções da avó tão querida. Acercando-se mais, deu-lhe um abraço apertado.

– Ah! Vovó, é por isso que eu gosto tanto de você.

Tentando vencer a emoção, a senhora afirmou:

– Eu sei, querida. Agradeço sempre a Jesus tê-la mandado para os meus braços.

Fazendo uma pausa para se recompor emocionalmente, disse:

– Ouça. A campainha está soando. Nossas amigas chegaram. Vamos recebê-las?

6. Na escola

A caminho da escola, Celina não continha a ansiedade. Letícia e sua mãe achavam graça das reações da menina, que olhava todos os lugares por onde passavam, curiosa.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Ao se aproximarem do destino, D. Marta indicou à Celina:

– Aquele é o “Recanto das Flores”, a escola para onde nos dirigimos.

Celina fitou admirada o que tinha à sua frente. Era um conjunto de prédios baixos, de arquitetura simples mas muito graciosos, cercados de jardins floridos, extensos gramados e árvores frondosas.

– É linda a escola! – exclamou a menina.

Adentrando a construção central, D. Marta dirigiu-se à sala do diretor conduzindo Celina, enquanto Letícia despedia-se delas, encaminhando-se para a sua classe.

Celina simpatizou imediatamente com ele. Era um senhor de cabelos grisalhos e fisionomia afável, que as recebeu gentilmente.

– Então, teremos uma nova aluna? – falou, dirigindo-se à garota.

Celina concordou, afirmando:

– Quero muito estudar aqui.

– Pois seja bem-vinda! Tenho certeza de que gostará muito da nossa escola.

Após conversar um pouco com a recém-chegada, fazendo-lhe algumas perguntas, Otávio apertou um pequeno botão na parede, ao lado da sua mesa. Em seguida, entrou na sala uma jovem de cabelos longos e olhos azuis, atendendo ao chamado.

– Chamou-me? – perguntou ao diretor.

– Sim. Estamos recebendo uma nova aluna – informou.

Otávio apresentou a moça às duas visitantes que ali estavam, explicando:

– Esta é Vera, colaboradora da nossa instituição.

Em seguida, orientou:

– Vera, leve as nossas irmãs até a sala da professora Amélia, onde Celina deverá ficar por enquanto.

Sorridente, Vera conduziu-as por entre corredores que davam para pátios floridos. Celina observou que, de modo geral, as paredes eram de uma espécie de vidro permitindo ver o exterior.

Defronte de uma porta Vera parou, batendo discretamente, antes de entrar.

– Amélia, esta é Celina, sua nova aluna. Veio para conhecer a classe.

A professora Amélia era jovem, de cabelos pretos, olhos vivos e muito alegre. Cumprimentou a menina, que sentiu-se imediatamente atraída por ela.

A classe era bem arejada, com amplas janelas e paredes daquela espécie de vidro, de onde se descortinava o verde do jardim. Muito agradável.

Ali estavam nove crianças, entretidas a desenhar.

A professora, percebendo o interesse de Celina, sugeriu:

– Por que não fica hoje conosco?

– Posso?

– Bem, não vejo inconveniente nisso – afirmou a professora.

Marta reforçou a sugestão, asseverando:

– Fique, Celina, se desejar. Avisarei sua vovó para que ela não fique preocupada.

A menina agradeceu, radiante.

Era uma experiência nova e Celina estava muito feliz. Foi apresentada às outras crianças, que a receberam com satisfação.

Durante todo aquele dia, Celina permaneceu na Escola “Recanto das Flores”, junto com os novos coleguinhas da sua idade, aprendendo e se divertindo.

Ao retomar para casa, à tarde, estava cheia de novidades e experiências para contar.

7. Aprendendo com a vida

Celina estava adorando a nova escola. Junto com os colegas, passava o dia todo entregue a atividades educativas, como aulas, passeios a recantos instrutivos e a parques para estudarem a natureza. Visitavam também museus, semelhantes aos da Terra, assistiam a sessões de cinema, ou mesmo conversavam informalmente, com vistas ao aproveitamento das experiências de cada uma das crianças.

Uma das coisas de que Celina mais gostava era assistir à projeção de filmes extraídos da vivência de criaturas que sobressaíram aos demais, deixando exemplos belíssimos de uma vida de amor e dedicação ao próximo. Histórias sempre muito interessantes e de grande valor moral.

Desde que começou a frequentar as aulas, Celina teve a oportunidade de assistir a três desses espetáculos. O primeiro relatava a vida de Paulo de Tarso; o segundo, a de Francisco de Assis, que muito a comoveu. Ambos figuras extraordinárias do Cristianismo. O terceiro, a vida de um escravo que viveu sua última encarnação anonimamente no Brasil, no estado de Minas Gerais.

Celina emocionou-se muito com os sofrimentos do pobrezinho. O filme mostrava como fora preso, amarrado e arrastado para um navio negreiro e trazido a ferros para terras brasileiras. E ele, que vivia livre nas matas africanas e que era respeitado, pois era rei de um povo, foi transformado em escravo, sem direito algum.

O importante é que esse personagem não ficou revoltado nem sentiu raiva de ninguém. Coração sensível e bondoso, chegando ao

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Brasil, na fazenda para onde fora levado a trabalhar, ainda ajudou todos os que precisavam dele, não apenas os negros, mas os brancos também.

Seu comportamento influenciou muita gente, tornando-se respeitado e querido por todos. Quando desencarnou, deixou muitos amigos e um exemplo de amor e dedicação ao próximo.

O interessante nesses filmes e que impressionou muito Celina, é que os alunos assistiam a eles como se estivessem fazendo parte da história, vivenciando os acontecimentos, uma vez que as imagens tinham outras dimensões.

Além disso, podiam sentir o ambiente em que transcorriam as ações, através de cores, perfumes, sentimentos. Até os pensamentos e as intenções das pessoas envolvidas apareciam na tela, como se planando ao redor dos personagens.

Os cenários tinham vida própria e sentia-se até o vento que soprava, o frio da neve que caía ou o calor do sol que brilhava no momento.

Celina ficou verdadeiramente encantada. O que ela mais apreciou, entretanto, é que após a transmissão da fita sobre “Gamba, o Escravo”, apareceu para visitá-los na Escola “Recanto das Flores” um senhor de idade avançada, cabelos brancos brilhantes, fisionomia simpática e olhos risonhos.

A professora Amélia apresentou o recém-chegado aos alunos dizendo:

– Este amigo, que nos dá a honra e o prazer de visitar-nos hoje, é alguém que um dia foi “Gamba, o Escravo”.

Surpresas, as crianças não conseguiam acreditar.

– Mas você é tão diferente! – arriscou-se a menorzinha da turma.

Com sorriso cativante, o visitante ilustre respondeu:

– Sim. Aquela era a roupa carnal que usei na minha última encarnação. Tinha a pele negra porque nasci numa tribo da África. Agora, sou eu mesmo.

Um outro garoto perguntou:

– Você parece ser um espírito bom. Por que teve que sofrer tanto como escravo?

– Porque não sou tão bom quanto você pensa. Em outras encarnações, muitos séculos antes, havia feito muito mal, destruindo vidas e escravizando pessoas. Arrepentido, supliquei ao Senhor uma nova oportunidade para reparar os erros que havia cometido. Então, Deus permitiu que eu sofresse na pele a dor de também ser escravo, para poder avaliar todo o mal que causara a meus irmãos e para saldar os débitos que contraía.

– Puxa! Quanta maldade existe no mundo! – comentou Fabrício.

O visitante concordou, considerando:

– Sim. Não podemos nos esquecer, contudo, que ninguém é permanentemente mau. A maldade é um estágio na vida do espírito, que expressa apenas o seu grau de ignorância. À medida que evolui, desenvolve mais compreensão e respeito pelos outros e por si mesmo e

passa a entender que somente o amor lhe dará a felicidade que almeja.

– Você não sentiu raiva dos homens maus que o prenderam? – indagou Celina.

– Não. Nessa época já compreendia o mal que praticara e a consciência não me dava paz, sentindo a responsabilidade pelos meus atos do passado. Além disso, ao chegar ao Brasil, tomei contato com o Evangelho de Jesus, haurindo muita força e consolação nos seus ensinamentos.

O visitante agradeceu o interesse de todos os alunos, e despediu-se deixando uma última mensagem:

– Importante é nos lembrarmos de que todo sofrimento é bênção divina curando o espírito desajustado. A dor é consequência do nosso próprio comportamento e devemos aceitá-la sem queixas, porque nada acontece por acaso e Deus sabe o que faz.

Finalizando, abraçou um por um os alunos com carinho, tendo sempre uma palavra amiga e um conselho para cada um deles.

Foi embora deixando as crianças satisfeitas e encantadas com sua visita.

Naquele momento, Gamba, o escravo, fizera muitos novos amiguinhos e admiradores, que lembrariam sempre daquele dia com saudade.

8. A nova aluna

Alguns dias depois estavam na sala de aula, entretidos com certa atividade, quando bateram levemente à porta. Era a assistente Vera, que trazia uma nova aluna.

A recém-chegada, uma menina de oito anos de idade, de cor parda e olhos pretos enormes, trazia os cabelos encarapinhados, muito bem penteados e amarrados em duas trancinhas com fitas vermelhas de cetim.

Reconhecendo a menina e surpresa ao vê-la, Celina reagiu, pensando:

– O que faz essa negrinha aqui?

Imediatamente, sentiu os olhares voltados para si mesma e percebeu que, na sala, todos haviam “ouvido” seu pensamento.

Envergonhada, não sabia o que dizer. Notou que a professora Amélia aguardava uma atitude de sua parte. Levantou-se e caminhou até a recém-chegada, que sorria para ela, compreensiva.

– Peço-lhe desculpas pelo meu comportamento. Seja bem-vinda, Maria Lúcia.

Depois, dirigindo-se aos outros alunos, à professora e à assistente Vera, explicou:

– Maria Lúcia é minha conhecida de muito tempo. Era filha da lavadeira lá de casa e brincávamos juntas. Muitas vezes brigávamos

MAMÃE, ESTOU AQUI!

porque eu era muito egoísta e só pensava em mim mesma.

Virando-se para a nova aluna, perguntou:

– Você pode me perdoar?

A garota de olhos de veludo fitou-a com carinho e demonstrando não ter guardado rancor, disse:

– Não tenho o que perdoar. Vocês sempre foram muito bons para conosco e nos ajudaram muito. Gosto de você e fiquei feliz em revê-la. Quando você morreu, eu sofri muito. Não aceitava a ideia de ter perdido minha amiguinha. Não queria mais estudar e cheguei a perder o ano.

Todos ouviam, sensibilizados, o relato da nova colega. Maria Lúcia fez uma pausa, sorriu e concluiu:

– Por isso, é uma alegria enorme encontrá-la aqui!

Abraçaram-se, enquanto a classe toda, emocionada, batia palmas.

Maria Lúcia acomodou-se ao lado de Celina, onde existia um lugar vago, e as duas tornaram-se inseparáveis.

Era, contudo, sempre com profunda vergonha que Celina se lembrava do incidente, não se cansando de reconhecer como fora injusta com Maria Lúcia.

Admitiu que a antiga amiga, a quem menosprezara sempre por ser mulata e de condição social inferior à sua, era muito melhor do que ela. Confessou também que se esquecera de que todos somos irmãos, filhos de um mesmo Pai que ama igualmente a seus filhos, não fazendo qualquer distinção entre eles.

Valeu a lição.

Dali por diante, era com redobrado cuidado que analisava seus pensamentos, tentando dominá-los. Se na Terra podia pensar o que quisesse sem que alguém ficasse sabendo, a não ser que expressasse em palavras, ali era diferente. Nesse novo mundo em que viera morar, qualquer emissão mental era imediatamente percebida pelas outras pessoas.

Com o tempo, ela e Maria Lúcia, ao se lembrarem do episódio, davam até boas risadas.

Intimamente, Celina ficou profundamente grata à professora e aos colegas, que, apesar do vexame, não a repreenderam e nem tocaram mais no assunto, considerando que ela já fora devidamente punida ao ver tornada pública a sua falta.

Mas, principalmente, ficou grata à Maria Lúcia, que demonstrara tanta bondade e compreensão, perdoadando sua indelicadeza.

9. A excursão

Celina e Maria Lúcia tinham sempre muito o que conversar e, o tempo todo, estavam juntas nas atividades escolares.

Como Maria Lúcia desencarnara meses depois dela, Celina tinha curiosidade em saber como estavam todos, os amiguinhos que deixaram, seus familiares e as novidades da cidade.

– Mas como foi que você morreu? Eu estava doente fazia tempo, mas você não. Gozava de excelente saúde.

Maria Lúcia concordou:

– É verdade. Só que nem todo mundo morre de doença. Nunca fiquei doente, de cama. Tinha até inveja de outras meninas que faltavam às aulas e depois explicavam: “não vim porque estava doente”.

– Então, o que aconteceu?

– Sofri um acidente. Um dia estava brincando defronte à minha casa, quando um caminhão desgovernado veio em minha direção.

– Bem que minha mãe dizia que era perigoso brincar na rua!

– É. Só que eu não estava na rua. Estava na calçada. Ouvi o grito das outras crianças mas não tive tempo para nada. O caminhão jogou-me de encontro ao muro e foi bater numa árvore pouco adiante. Nada mais percebi. Acordei num hospital acreditando ainda estar viva.

Celina, que ouvia com os olhos estatelados, perguntou:

– Sentia dores?

– Sim, muitas dores – respondeu Maria Lúcia. – O corpo inteiro doía, mas especialmente a cabeça, pois tive uma fratura no crânio.

– Puxa! E depois?

– Depois, aos poucos, fui melhorando e ao sair do hospital fui levada para o “Lar de Bênçãos”, onde moro até hoje.

Curiosa, Celina indagou:

– Por que você foi para lá?

Achando graça pela surpresa da amiga, Maria Lúcia explicou:

– É porque eu não tinha ninguém que tivesse uma casa, aqui, em condições de me abrigar. Entende?

– Ah! E como é esse “Lar de Bênçãos”?

Demonstrando muito entusiasmo, com os olhos sorridentes, a outra respondeu agitando os braços:

– É bem grande, existe sempre muita alegria, tem muitas crianças e as “tias” são muito boas. Nunca estive lá?

– Não! – disse Celina, desapontada.

– Gostaria de conhecer?

– Claro! Eu posso?

– Naturalmente. Temos que pedir permissão à sua avó.

Estavam conversando no horário de intervalo entre as aulas. Ao retornarem à sala, Celina comentou com a professora:

– Sabe que a Maria Lúcia mora numa casa cheia de crianças?

– Sim, o “Lar de Bênçãos”. É um lugar muito bonito!

– Ah! – exclamou Celina, que esperava estar contando uma novidade à professora e ficou um pouco decepcionada.

Vendo-a desapontada, a professora Amélia perguntou:

– Você nunca esteve lá?

Sacudindo a cabeça, Celina disse:

– Não! Estou muito curiosa para conhecê-lo.

A professora pensou um pouco e considerou:

– É fácil. Estou programando um passeio para os próximos dias e o “Lar de Bênçãos” é uma excelente ideia.

A menina arregalou os olhos, contente:

– Podemos ir até lá?

– Sem dúvida. É um passeio muito instrutivo.

Celina bateu palmas, feliz, e correu para contar a novidade à Maria Lúcia.

Reiniciando a aula, a mestra comunicou a decisão aos outros alunos, que também ficaram entusiasmados com o passeio.

– Na semana que vem faremos a excursão. Assim haverá tempo suficiente para planejar tudo. Entrarei em contato com a administração da Entidade solicitando permissão para a visita. Vocês vão gostar muito!

No resto daquele dia, e nos dias subsequentes, as crianças não fizeram outra coisa senão pensar no passeio, ansiosas pela novidade.

10. O “Lar de Bênçãos”

No dia combinado, estavam todos a postos, satisfeitos e impacientes.

Como a distância a percorrer não fosse grande, optaram por fazer o trajeto a pé. Os alunos, a tagarelar, observavam tudo e divertiam-

se a valer.

Após alguns minutos de caminhada, viram ao longe uma cerca de trepadeiras floridas e um grande portão encimado por uma placa onde se lia: “Lar de Bênçãos”.

Entraram. A vovó Carmem e suas auxiliares vieram receber os visitantes.

Celina sentiu imediata simpatia por aquela senhora que chamavam de vovó Carmem. De cabelos muito brancos, rosto simpático e sorriso cativante, a velha senhora atraía a atenção da criançada.

Vovó Carmem era a diretora da casa e recebeu os recém-chegados com alegria e bom humor:

– Entrem... entrem... É um prazer recebê-los em nosso lar!

Maria Lúcia, a única que não viera com a classe, pois ficara esperando para recepcionar os colegas, adiantou-se abraçando Celina e os amiguinhos, fazendo as apresentações:

– Vovó, estes são meus amigos!

– Ah! Estou vendo. São todos muito simpáticos – afirmou a senhora com cordialidade.

Virando-se para os colegas, Maria Lúcia disse, orgulhosa:

– Quero que conheçam tudo. Verão como é bonita a nossa casa! Fiquem à vontade!

As crianças estavam muito interessadas no grande jardim, onde se via um *playground* com muitos balanços, escorregadores, gangorras, e onde várias crianças, ali residentes, brincavam despreocupadas. No fundo, uma grande construção, de aparência confortável, simpática e acolhedora.

A professora Amélia reuniu seus alunos, determinando:

– Fiquem todos juntos. Primeiramente, vamos conhecer as dependências da Entidade; depois, poderão brincar à vontade.

Enquanto vovó Carmem encaminhava os visitantes para o interior do prédio, Celina aproximou-se indagando:

– Vovó Carmem, vimos muitas crianças brincando, mas também vimos outras tristes e chorosas pelos cantos. Por quê? Elas não gostam daqui?

Com gentileza, a senhora respondeu à pergunta que lhe fora feita:

– É que são novatas, Celina. Chegaram há pouco tempo do planeta e ainda não se adaptaram à nova vida. Temos que aguardar. Fazemos todo o possível para substituir a família terrena, mas não é a mesma coisa.

– Também passei por isso – lembrou a pequena.

– Sim, mas você tinha a sua avó esperando, não é?

Admirada, Celina perguntou:

– Ah! A senhora conhece minha avó?

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Sim, como não? Somos amigas de longa data.

A conversa foi interrompida porque já estavam dentro do prédio e a diretora foi explicar o funcionamento da casa:

– Aqui recebemos crianças que desencarnam e não têm para onde ir.

Conforme percorriam corredores, salas e varandas, ela ia mostrando:

– Temos aqui o refeitório; deste outro lado, as salas de recreação e de estudos; mais adiante, podemos ver a sala de oração, os dormitórios, as enfermarias...

– Enfermarias?! – estranhou uma das meninas.

– Sim. Muitas crianças chegam enfermas e têm necessidade de ficar no leito, com direito a assistência médica e tudo o mais. Querem ver?

Abriu uma das portas e os visitantes viram um grande quarto, claro e luminoso, com muitos leitos. Transitando entre eles, enfermeiras atendiam aos pequenos.

Eram crianças com problemas diversos. Celina notou que uma delas tinha alguma coisa nos olhos, outra tinha a cabeça muito grande, outra trazia o corpo todo cheio de feridas, outra chorava, levando a mão à garganta.

Vovó Carmem apresentou os visitantes às atendedoras e depois explicou:

– Essas crianças trazem marcas do passado, em virtude de comportamento errôneo, e somente o tempo fará com que recuperem a saúde do corpo espiritual.

– Mas, o que fizeram? – falou Fábio, impressionado.

– Bem, depende de cada problema. Cada caso é um caso. Por exemplo: aquele da cabeça grande utilizou mal a sua inteligência numa outra vida e prejudicou muita gente. Aquele, que tem problema na vista, é cego; jogou ácido num amigo e ficou daquele jeito. O outro, que tem problema na garganta, cometeu suicídio, ingerindo veneno que lhe corroeu os órgãos. E olhe que isso tudo aconteceu há muito tempo!

Penalizada, Viviane perguntou:

– Mas por quanto tempo ainda ficarão sofrendo? Para sempre?

A diretora sorriu, esclarecendo gentilmente:

– Não, querida. Eles estão aqui aguardando uma nova oportunidade de vida. Só o mergulho em nova encarnação poderá minorar realmente seus sofrimentos. Enquanto isso, fazemos o que é possível, dando-lhes muito amor, envolvendo-os nas vibrações benéficas da oração e aplicando-lhes energias através dos passes e de todos os recursos de que dispomos.

Condoídos, os alunos viram um menino que chorava muito e notaram que, ao receber o passe que a enfermeira lhe aplicava, acalmou-se e adormeceu logo em seguida.

Vovó Carmem fitou as crianças, que observavam admiradas, e completou a lição:

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Viram? Felizmente, Jesus é pródigo de amor e nunca nos desampara.

Saíram da enfermaria impressionados.

Celina, bastante sensibilizada com o que vira, acercou-se da bondosa senhora e indagou, curiosa:

– Vovó Carmem, a senhora disse que aquelas crianças da enfermaria cometeram atos maus e por isso ficaram assim. Não entendi direito.

– O que você não entendeu, Celina? Pode perguntar sem receio.

– Bem. Elas cometeram atos maus como “crianças”?

– Não, querida. Esses dramas aconteceram há muito tempo, em outras encarnações. Trazem ainda, contudo, as marcas dos crimes que cometeram, contra si mesmas ou contra outrem.

– Ah! E quando seus sofrimentos vão terminar? – indagou novamente a menina, interessada.

– Como afirmei ainda há pouco. Seus sofrimentos terão um fim quando se ligarem a um novo corpo físico, que vai funcionar como uma esponja, limpando o corpo espiritual e proporcionando benéfico esquecimento, de modo que possam ter um pouco de paz.

– Ah! É como se a gente passasse um pano para limpar o que está sujo?

– É!... mais ou menos isso.

– Ah!... e quanto tempo terão que esperar?

– Isso depende. Não é fácil conseguir vaga para reencarnar.

– Por quê?

– Porque os casais querem cada vez menos filhos e isso restringe bastante as possibilidades. Contudo, os amigos, protetores e familiares dos interessados estão fazendo tudo o que podem para apressar-lhes o retorno, conseguindo uma vaga.

– E depois?

– Depois eles irão se preparar para voltar a um novo corpo.

– Ah! que interessante! E agora tem crianças se preparando para voltar à Terra?

– Sim, como não? Sempre temos muitos processos em andamento. Infelizmente, não posso levá-los para conhecer o local. Só é permitido o acesso aos que estejam trabalhando nos casos.

A menina arregalou os olhos e comentou:

– Puxa! Nunca pensei que fosse tão complicado reencarnar.

A senhora deu uma risada ao ver a expressão da pequena.

– É verdade, Celina. Por isso as pessoas precisam aprender a valorizar tudo o que Deus lhes concede.

As outras crianças que ouviam a conversa ficaram igualmente a meditar.

– Agora, vamos para o jardim brincar um pouco – sugeriu a velha senhora.

Alegres, as crianças correram para o exterior, espalhando-se pelo gramado.

Durante muitas horas divertiram-se a valer. Antes de retomarem, vovó Carmem reuniu todos no “Salão das Flores”, visitantes e moradores.

Era um salão lindíssimo, todo enfeitado com flores de diversas qualidades e folhagens diferentes, utilizado para reuniões festivas. Não se viam paredes. De todos os lados que se olhasse avistava-se o amplo jardim. As colunas que sustentavam o teto eram de um material semelhante ao vidro, transparente, e eram enfeitadas com guirlandas de flores.

As crianças não contiveram uma exclamação. Nunca tinham visto nada mais belo. Caminhando pelo piso, que parecia feito de musgo, observavam tudo, admiradas.

Vovó Carmem agradeceu a visita que fora feita ao “Lar de Bênçãos”, nesse dia tão agradável, e anunciou:

– Para alegrar ainda mais estes momentos, ouviremos algumas músicas cantadas pelo “Coral de Jesus”.

Em meio ao maior silêncio, um grupo de crianças da casa começou a cantar. As melodias eram tão lindas que emocionaram a todos. Como preces cantadas, elevaram-se as vibrações, transmitindo infinito bem-estar aos presentes.

Para encerrar, vovó Carmem convidou a pequena Simone para proferir uma prece. A menina, que não teria mais de seis anos, apresentou-se compenetrada. Sem afetação, com simplicidade e pureza, cerrou os olhos e orou:

– Jesus querido, nós te agradecemos as bênçãos deste dia de todos os momentos. Agradecemos pelo nosso corpo perfeito, pela nossa mente lúcida e por este lar que nos dá tanta paz e alegria. Agradecemos também a visita de nossos amigos e que eles possam retornar levando o carinho que lhes ofertamos. Abençoa-nos, Jesus. Assim seja.

Após a oração, começaram as despedidas.

Foi com o coração cheio de amor e já sentindo saudades, que as crianças deixaram o “Lar de Bênçãos” e os novos amigos que lá ficaram, prometendo retomar um dia.

11. “Recanto das Águas Cristalinas”

Celina integrava-se cada vez mais à nova vida. Quando chegava um novo coleguinha, ela, como os outros que ali estavam há mais tempo, procurava ajudar da melhor maneira possível, preocupada em que o recém-chegado se sentisse “em casa”.

Aprendia com facilidade, tornando-se mais madura e aproveitando muito bem as lições recebidas.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Certo dia, a professora Amélia informou:

– Hoje tenho uma surpresa. Vamos estudar tudo o que se refere à ÁGUA, que tanta importância tem para a nossa vida.

Um dos alunos, Ricardo, recém-chegado, retrucou irreverente:

– Água?! O que há de importante para sabermos sobre a água?

A mestra, paciente, ponderou:

– Muito mais do que possamos imaginar. Antes disso, porém, vamos visitar o nosso “Recanto das Águas Cristalinas”.

A classe agitou-se, empolgada. Sorridentes, as crianças batiam palmas, falando todos ao mesmo tempo.

– Um passeio? Que bom! Onde fica?

Colocando ordem na sala, a professora falou:

– Calma! Acomodem-se e façam silêncio para que possamos conversar. É um lugar muito lindo e vocês irão gostar, tenho certeza.

Nesse momento alguém bateu delicadamente à porta, informando que a condução aguardava.

Após as recomendações habituais sobre o comportamento que deveriam ter, Amélia levou os alunos para fora, encaminhando-os para o local onde estava estacionada a condução.

O veículo, inexistente na Terra, era uma mistura de ônibus e de avião, chamado de aeróbus. Serve para locomoção a distâncias maiores e para aqueles que ainda não dominam a técnica da volitação.

Acomodaram-se todos no veículo, contendo a custo a impaciência.

Após alguns minutos, elevando-se no ar, o aeróbus desceu suavemente e a porta foi aberta.

As crianças desceram, curiosas. A surpresa foi imensa. Celina fitou de boca aberta ante a beleza do local. Por algum tempo, os alunos ficaram sem fala, observando tudo em silêncio.

Era um parque com extenso gramado e uma profusão de plantas, as mais diversas, surgiam aqui e ali. Árvores frondosas, desconhecidas na Terra, proporcionavam sombras acolhedoras; flores de formatos e cores diferentes salpicavam a paisagem.

Em meio à vegetação, descendo por entre pedras, formosa cascata rumorejava e o lençol líquido estendia-se, tranquilo, formando encantador lago.

As crianças ficaram fascinadas, andando ao redor do lago, ao som do cântico dos pássaros.

Maria Lúcia ajoelhou-se, tocando na água e deixando que ela lhe escorresse por entre os dedos.

– Engraçado, professora. Ela é diferente! Parece mais leve e escorre sem molhar!

Amélia sorriu ao comentário da aluna:

– Sim, Maria Lúcia, tem toda razão. E existem outras diferenças que você não tem condições de perceber.

– Quais? – perguntou a curiosa Aninha.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Vamos com calma. Estudaremos tudo o que se refere à água, mas a seu tempo. De onde vocês acham que vem a água de que nos servimos na Colônia?

As crianças entreolharam-se sem responder.

– Pois vem daqui, deste reservatório! Ele é extremamente importante para a vida em nossa cidade.

Todos olharam para o lago sereno com admiração.

– Em virtude disso – continuou a mestra –, este é um local sagrado, onde só penetramos com veneração e respeito. O ambiente deve ser preservado para que a água, ao ser canalizada para utilização da comunidade, possa levar os elementos necessários ao equilíbrio e à paz, à absorção de nutrientes na alimentação das pessoas e, com a higiene, possa transmitir bem-estar.

– Puxa! Nunca pensei nisso! – exclamou Ricardo, o irreverente.

– Como vemos, a água tem utilidade variada em nossa cidade e propriedades insuspeitadas. Além dessas finalidades que citei, existem muitas outras.

– Quais? – quis saber Simone.

– Para a cura dos enfermos, por exemplo, ela é de capital importância. Quando transmitimos energias através do passe, também utilizamos a água magnetizada com fluidos regeneradores, aplicando-a em ferimentos, deformações e toda sorte de machucados. Com a água também fazemos medicamentos que as pessoas tomam para a cura de seus males.

– É verdade – concordou a pequena Viviane. – Quando vim para o “lado de cá”, lembro-me de que no hospital trataram-me com água!

– Isso mesmo – confirmou a professora. – E não apenas você, Viviane, mas todos os que aqui estão. Além disso, as plantas que aqui existem, nutrindo-se dos elementos benéficos do ar e da água, têm propriedades medicinais. Porém, essa já é uma outra história.

Os alunos concordaram, lembrando-se cada um deles da própria chegada à Espiritualidade.

Ricardo, que ainda sentia os problemas consequentes ao seu desencarne e às lembranças da família terrena, ficou triste, calado, o olhar perdido no vazio.

Amélia, notando o seu alheamento, acercou-se dele, abraçando-o e mudando o rumo da conversa, antes que ele entrasse em crise.

– Não falemos mais nisso. Vamos agora orar e agradecer a Deus as bênçãos deste dia e por tudo o que recebemos. Fabrício, faça a prece por nós, sim?

O garoto, louro como os trigais da terra de onde provinha, reverente, fechou os olhos e orou:

– Querido Deus, Nosso Pai. Agradecemos este passeio e a oportunidade de conhecer mais sobre a água. Puxa! Nunca pensei que fosse tão importante na nossa vida! Agora, Senhor, toda vez que tomar banho ou beber um copo d’água, lembrarei de Sua Bondade e que sem ela não poderíamos viver. Assim seja.

As crianças acharam graça na prece de Fabrício e quando terminou, sorriam satisfeitas.

As horas passaram rapidamente. Era tempo de retornar.

O aerôbus chegara e, em fila, acomodaram-se nos assentos, tristes por terem de deixar o “Recanto das Águas Cristalinas”, mas alegres porque teriam muito para contar.

Ao elevar-se o veículo, ainda lançaram um último olhar de despedida para o lago de águas serenas.

Por muitos dias o passeio serviria de comentários e de estudos para a classe, que dele extraiu todo o benefício possível.

12. A surpresa

O tempo passou rápido. Entre divertimentos, passeios e estudos, os meses voaram.

Ao aproximar-se a época do Natal, quando se comemora na Terra o nascimento de Jesus, a professora Amélia reuniu os alunos, informando:

– Vocês se esforçaram bastante e aprenderam o suficiente. Como prêmio, vamos levá-los em uma excursão para visitarem as suas famílias que ficaram na crosta terrestre.

As crianças bateram palmas, felizes. Era o que mais desejavam. Rever a mamãe, o papai, os irmãozinhos, enfim, o lar que tanto amavam.

A professora deixou que dessem vazão ao seu justo contentamento, depois considerou:

– A partir de hoje, vamos nos preparar para essa visita. Temos que ter condições emocionais equilibradas para enfrentar essa situação. Todos sabem o quanto sofreram, após a desencarnação, pelo apego aos familiares.

Maria Lúcia arregalou os grandes olhos negros perguntando:

– Não podemos chorar, não é Tia Amélia?

– É verdade, Maria Lúcia. E por que não podem chorar? – indagou à classe.

Ricardo respondeu com seriedade:

– Para não deixá-los tristes.

– Isso mesmo, Ricardo. Então, como devem agir?

Agora foi a vez de Fábio responder, demonstrando o conhecimento adquirido:

– O pensamento é uma força poderosa e devemos ajudar nossa família com boas vibrações, emitindo serenidade, alegria, otimismo, paz...

Celina, que permanecia pensativa, indagou:

– Tia Amélia, mamãe perceberá minha presença?

– Isso depende da sensibilidade dela, Celina – respondeu a mestra, completando: – Mesmo que não saiba que você está ali, sua presença evocará as lembranças e sentirá saudades, recordando com muito amor da filha que partiu.

A pequena Viviane levantou o braço, ansiosa para demonstrar sua sabedoria:

– Eu sei como se chama essa sensibilidade para as coisas espirituais. É me-diu-ni-da-de – falou, separando bem as sílabas.

– Muito bem, Viviane. Demonstra que aprendeu o que foi ensinado.

– Meu cãozinho perceberá minha presença? – indagou Roberta, preocupada.

– Provavelmente sim, pois os animais têm uma percepção muito apurada. No entanto, todas essas perguntas serão respondidas naturalmente. Vocês terão oportunidade de vivenciar e aprender na prática.

Fez uma pausa e, fitando com carinho os alunos, completou:

– O importante é que aproveitemos ao máximo o passeio, que tem dupla finalidade: recreação e aprendizado. Terão ocasião de tranquilizar as famílias quanto ao estado em que se encontram, ajudando para que os entes queridos se equilibrem emocionalmente. Partiremos daqui a uma semana.

Naquele dia e nos que se seguiram, as crianças não conseguiram pensar em outra coisa. A lembrança do lar terreno, dos pais, dos irmãos e dos amiguinhos surgia muito forte em suas mentes. A certeza de rever em breve os familiares deixava-os alegres e ansiosos.

Durante toda aquela semana, receberam orientações sobre o comportamento que deveriam manter em contato com os encarnados, nas mais diversas circunstâncias, preparando-se para quaisquer eventualidades que pudessem ocorrer.

Especialmente aprendendo a dominar os impulsos e as emoções para poderem ajudar com acerto os que ficaram na Terra.

13. Na casa espírita

No dia e na hora aprazados, estavam todos a postos. Havia combinado encontrar-se no “Templo da Paz”, uma vez que se integrariam à caravana outras pessoas que não frequentavam a escola “Recanto das Flores”

Ao chegar, Celina notou que já havia muita gente ali.

Curiosa, puxou a saia da avó perguntando em voz baixa:

– Toda essa gente vai também, vovó?

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Discreta, a gentil senhora esclareceu:

– Sim, mas não conosco. Muitos outros grupos aqui se reúnem para orar, antes da partida às regiões mais densas.

– Ah!...

Observando, Celina reparou que, não obstante reunidos no mesmo local, os grupos separavam-se naturalmente, procurando cada qual se reunir segundo os objetivos específicos.

Aos poucos, os coleguinhas da escola e os demais participantes foram chegando. Na hora marcada, teve início o culto cristão.

Um senhor muito distinto que Celina já conhecia, por tê-lo visto da outra vez que esteve no local, e que conversava com diversas pessoas num canto, dirigiu-se à frente.

Tomando de um livro luminoso, abriu-o ao acaso. Era o Novo Testamento.

Ele leu um trecho curto e depois fechou o livro, pondo-se a discorrer sobre o tema durante alguns minutos. Em seguida, fez uma prece, suplicando as bênçãos de Deus para todos os que ali estavam e que iriam seguir com as caravanas.

Encerrada a reunião, os diversos grupos foram-se aproximando dele e despedindo-se. Também o grupo do qual Celina fazia parte adiantou-se, recebendo as bênçãos do dirigente da reunião.

– Que Jesus os abençoe! – disse ele, envolvendo a todos num olhar cheio de mansidão.

Celina contou. A caravana da escola “Recanto das Flores” era composta por trinta pessoas.

Na saída, aguardaram a chegada do veículo que iria leva-los à Terra.

Quando a condução chegou, acomodaram-se para partir. Era muito semelhante ao aeróbus que os levara até o “Recanto das Águas Cristalinas”, só que era todo fechado, não possuindo janelas para o exterior.

As crianças ficaram um tantinho decepcionadas, pois esperavam poder ver os lugares pelos quais iriam passar e também a chegada à crosta terrestre.

Enquanto o veículo se elevava suavemente do solo, a professora Amélia alertou:

– Lembrem-se, crianças, de tudo o que aprenderam. Mantenham o pensamento elevado e não se deixem dominar pelas emoções. Estão indo para alegrar suas famílias e não para entristecê-las.

Todos concordaram, compenetrados.

A viagem foi tranquila e dentro de algumas horas perceberam que o veículo parara. As portas se abriram. Desceram, curiosos.

Estavam defronte de uma casa simples, construída no fundo de um terreno. Na frente, um jardim.

Amélia esclareceu:

– Ficaremos hospedados aqui. É um centro espírita e nele encontraremos tudo o que precisarmos.

Um tanto surpresas, as crianças encaminharam-se para a porta de entrada. Algumas entidades, vendo-as chegar, vieram-lhes ao

encontro.

– Sejam bem-vindos! É um prazer recebê-los na nossa casa. Fizeram boa viagem? Aqui poderão descansar em paz.

O movimento era intenso. Muitos desencarnados ali se encontravam, cada qual entregue às suas ocupações.

Celina notou que todos eram muito simpáticos. Ao passar pelo grupo recém-chegado, sorriam e brincavam com as crianças.

– Que lugar agradável! – exclamou ela sem conter a admiração.

O anfitrião sorriu, satisfeito:

– Fico feliz que tenha gostado. Venham conhecer a nossa Casa.

Entraram. À primeira vista, um salão pequeno com cadeiras enfileiradas. Ao fundo do auditório, uma grande mesa, ladeada de cadeiras, coberta com uma toalha e, sobre ela, um belo vaso de flores.

Tudo muito simples, mas limpo.

Deixando o salão, visitaram as outras dependências. A sala de passes, as salas de Evangelização Infantil, sala para costura e trabalhos manuais, cozinha e banheiros. Essa a parte material.

A parte espiritual das instalações era muito maior, com outros andares, onde encontravam-se enfermarias, dormitórios, salas de equipamentos, de reuniões e muito mais.

Quando terminaram a visita de reconhecimento, o dirigente espiritual da instituição explicou:

– Agora, sintam-se em casa e fiquem à vontade. Vou deixá-los pois tenho trabalho urgente para fazer.

– Obrigada – disse Amélia. – Não se preocupe conosco. Não queremos atrapalhar. Se pudermos ser úteis de alguma maneira, é só dizer.

– Agradeço o oferecimento. Pode ter certeza de que não faltarão oportunidades de cooperação fraterna. Temos muito serviço por aqui.

Os componentes da caravana permaneceram numa sala em agradável palestra com outras pessoas que ali se encontravam, inclusive servidores da casa que, tendo algum tempo livre, vinham fazer-lhes companhia.

A certa altura, Fábio perguntou à professora Amélia:

– O que estamos esperando? Não vamos visitar as nossas famílias?

– Mais tarde. Participaremos de uma reunião da casa espírita e depois iniciaremos as visitas – respondeu atenciosa a mestra, sugerindo em seguida: – Aproveitem o tempo para brincar no jardim.

Satisfeitos, os alunos espalharam-se pelo gramado. As horas passaram rápidas e logo anoiteceu.

Um pouco antes da hora marcada para o início da reunião, dirigiram-se todos para o salão.

14. A reunião

O pequeno salão encontrava-se lotado de pessoas que vieram assistir à reunião, tanto encarnados quanto desencarnados, sendo que do nosso plano a quantidade era bem maior.

Um cavalheiro simpático fez a prece inicial, que acompanhamos com profundo respeito. Em seguida, leu um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Após a leitura, descansou o livro na mesa e fez comentários sobre o tema, que era a “Parábola do Semeador”. Celina já conhecia o texto e prestou bastante atenção nas palavras do orador, cuja figura lembrava muito o seu avô Felício.

Terminada a palestra, iniciou-se o trabalho de aplicação de passes, após o que foi encerrada a reunião com uma prece.

Enquanto os encarnados conversavam, também os desencarnados trocavam ideias sobre o trabalho com os servidores da casa.

Maria Lúcia, ao lado de um dos ajudantes da instituição, dizia satisfeita:

– Que bom! Todos receberam as dádivas do Alto e devem voltar para casa muito bem.

O rapaz, solícito, sorriu explicando à garotinha:

– É verdade. Mas, nem todos vão aproveitar o que receberam aqui.

– Não?! – falou surpresa a menina. – Por quê?

– Porque as condições de cada pessoa são diferentes, Maria Lúcia.

Para que ela compreendesse melhor, procurou com os olhos localizar os encarnados que se despediam, deixando o centro espírita,

– Olhe! – disse o rapaz, indicando uma moça que saía naquele instante. – Repare bem o que vai acontecer,

A menina acompanhou com o olhar a jovem que saía e viu quando uma entidade de sombrio aspecto aproximou-se dela, passando a acompanhá-la.

– Que horror! – exclamou Celina que participava da conversa. – Não podemos ajudá-la?

– Não. Aqui ela recebeu toda a ajuda necessária para o seu equilíbrio, através do passe, da água fluidificada e das vibrações energéticas do ambiente, que lhe produziram bem-estar e harmonia. Agora depende dela manter as melhores condições por meio do pensamento elevado, não permitindo a aproximação desse infeliz companheiro que a aguardava.

– Puxa! É complicado! Estou com pena da moça, que parecia tão simpática.

– Não se preocupe, Maria Lúcia. A nossa amiga não está desamparada. Além disso, na semana que vem, ela receberá novamente os recursos do passe até que consiga se equilibrar sozinha.

Nesse instante, a professora Amélia chamou as alunas e o diálogo tão interessante foi interrompido.

Era hora de partirem. Cada criança seria acompanhada por um adulto mais experiente e com quem tivesse mais afinidade.

Celina seguiria com sua avozinha, rumo ao lar terreno.

Combinaram encontrar-se no dia seguinte, lá pelo final da tarde, quando todos retornariam para a casa espírita. Por qualquer eventualidade, os que chegassem antes aguardariam os demais, abrigados na instituição e sob a assistência dos amigos da Espiritualidade.

Após uma oração, Amélia fez as recomendações finais, antes de os grupos se separarem:

– Lembrem-se de que devem manter as ligações através da prece. Cultivem a serenidade e a harmonia, não se deixando contaminar pelo ambiente doméstico. Transmitam amor, paz, confiança e otimismo. Alguma pergunta?

Como todos permanecessem em silêncio, ela concluiu:

– Muito bem. Então, partamos. E que Jesus nos abençoe.

As crianças se despediram, desejando-se, mutuamente, boa sorte e que tudo corresse bem nas visitas.

Saíram. A noite estava escura e sem nuvens. O céu apresentava-se todo bordado de estrelas, que piscavam ao longe.

Cada grupo tomou um rumo diferente. Afastando-se no espaço, voltavam-se e ainda acenavam adeuses, até se perderem de vista.

Apesar da alegria que inundava seus corações por estarem prestes a rever os entes queridos, a ansiedade fazia com que as crianças permanecessem sérias e compenetradas. Até as mais falantes se calaram.

15. De volta ao lar

Dando a mão à Celina, vovó Catarina volitou rapidamente rumo à cidade natal, onde residira durante toda a sua vida e onde morava ainda a família terrena.

Em pouco tempo estavam sobrevoando a cidade e percorrendo as ruas tão conhecidas.

Para Celina era uma experiência fascinante em todos os aspectos. Era essa a primeira vez que retornava à Terra depois do desencarne, e a vista do alto era magnífica.

Mas agora, aproximando-se de casa, a emoção tomou conta do seu coração.

Ansiosa, adiantou-se e correu tentando abrir o portão que estava fechado. Não conseguiu. Fitou a avozinha, surpresa.

A bondosa senhora sorriu, explicando:

– A matéria é obstáculo para nós, espíritos libertos do corpo físico, se buscamos manejá-la como se ainda fôssemos encarnados.

– Ah! E como fazer então? – perguntou a netinha.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Ah! E como fazer então? – perguntou a netinha.

– É fácil. Use a força da sua vontade para transpor os obstáculos. Deseje estar lá dentro, e estará.

Celina assim o fez e, num piscar de olhos, estavam no interior da casa. O ambiente era o mesmo. Os móveis, os vasos de plantas, Os enfeites.

Com saudade, Celina percorreu todos os cômodos. Ao chegar à copa, seu coraçãozinho começou a bater mais forte. O pai, a mãe e os dois irmãos estavam sentados à mesa, fazendo um pequeno lanche antes de dormir, como era hábito.

Acercou-se da mãezinha e abraçou-a sem poder conter as lágrimas.

Nesse momento notou que a mãe, bastante emocionada, não continha o pranto. O marido, solícito, indagou:

– O que foi, querida?

Enxugando os olhos com a ponta do avental, a senhora falou:

– Neste instante, não sei porque, lembrei-me de Celina, nossa querida filhinha que tão cedo nos deixou. Creio que é porque estamos comendo pizza, que ela adorava.

Abraçada à mãezinha, Celina chorou mais ainda, vendo que ela se lembrava dela e das suas preferências.

Contudo, alertada pela vovó Catarina, vigilante, recordou o que havia aprendido e com esforço conseguiu se controlar.

– Sim, querida mamãe – disse ela –, sou eu mesma, sua filhinha, que está aqui ao seu lado. Porém, isso não deve ser motivo de tristeza, mas de alegria para todos nós. Jesus permitiu que eu viesse visitá-los, estou muito feliz e quero vê-los felizes também. Coragem! A vida é bela e nossa separação é temporária.

Conquanto não a ouvisse, a mãezinha anotou mentalmente as palavras da filha, em forma de intuição, e com ânimo novo e diferente expressão, enxugou o rosto tentando sorrir.

– Interessante – comentou para os familiares que a ouviam atentos –, sinto a presença de nossa Celina aqui conosco. Não sei explicar como e nem por que, mas parece-me que ela deseja que fiquemos alegres. Não quer ver ninguém triste.

Tomando a mão da esposa, o marido concordou:

– Tenho o mesmo pressentimento, minha querida. Nossa Celina, onde estiver, está muito bem e quer que também fiquemos bem.

E para confirmar a presença da morta adorada, Tiago, o caçulinha, menino de quatro anos de idade, falou com simplicidade:

– Olha! Celina está sorrindo para mim, mamãe!

Surpresa, a senhora ralhou:

– Não brinque com isso, menino!

– Mas é verdade, mamãe. Estou vendo Celina. Ela está entre papai e você.

Tiago, testemunhando a presença da irmãzinha desencarnada, fez com que uma profunda emoção tomasse conta de toda a família.

– E vovó Catarina está com ela – afirmou o menino novamente.

– Como você sabe? Não chegou a conhecer sua avó, Tiago!

– Conheço, sim. Temos um retrato dela na sala de visitas, não é?

– Ah! É verdade – concordou o pai. – Temos um retrato da vovó Catarina junto com o vovô Felício. Tem razão, meu filho.

Cheios de júbilo, terminaram a refeição, continuando a conversar. Naquela noite não se falou de outra coisa.

Para Celina, o ambiente de paz e amor era um reabastecimento espiritual. Para seus pais, era a prova da sobrevivência da alma. Assunto para ser meditado maduramente.

Resolveram, de comum acordo e aceitando a sugestão mental de vovó Catarina, procurar uma casa espírita que pudesse explicar-lhes tudo o que estava acontecendo.

Uma coisa era certa. Sentiam-se cheios de esperança e com ânimo novo para enfrentar a vida.

A visita foi extremamente gratificante para todos os envolvidos e as horas passadas no lar terreno muito agradáveis para Celina e sua avó.

16. Buscando informações

Na manhã seguinte, bem cedinho, Dalva e Manuel, os pais de Celina, receberam uma visita. Era uma antiga conhecida e que exercera as funções de lavadeira da família por muitos anos.

A visitante, de pele negra e lustrosa, humilde, foi recebida com gentileza pelos donos da casa. Manuel desculpou-se, alegando urgência em ir para o trabalho. Assim, as mulheres ficaram a sós.

Após os cumprimentos habituais, Dalva convidou-a para sentar-se à mesa e tomar o café da manhã com ela.

Jandira, a recém-chegada, sentou-se numa cadeira, agradecendo o gentil oferecimento. Em seguida, enquanto Dalva servia o café, a lavadeira falou:

– Estou muito emocionada, Dona Dalva, e não pude deixar de vir vê-la. Esta noite sonhei com a minha Maria Lúcia.

Dalva, extremamente sensibilizada, comentou:

– Compreendo. Você também perdeu sua filha, como eu, e sei bem o que está sentindo.

Com os olhos negros, grandes e brilhantes, Jandira contou:

– Maria Lúcia estava linda, muito bem vestida; trazia fitas nos cabelos como gostava, e conversamos bastante. Ah! que felicidade, meu Deus! Disse-me muitas coisas, que mora num lugar cheio de crianças, que está muito contente e que não devo mais chorar.

Com os olhos cheios de lágrimas, Dalva concordou estabelecendo a semelhança de orientação que lhe fora dada.

A visitante continuou, depois de uma pausa:

– Disse também algo que me fez vir vê-la o mais rápido que pude. Afirmou que frequenta uma escola muito bonita e que Celina é sua

colega de classe.

Dalva não se conteve e deixou que as lágrimas lhe lavassem o rosto.

– Que bênção, Senhor! Outra notícia de minha querida Celina.

Aí foi a vez de Dalva contar à admirada visitante que recebera a visita de Celina e de sua mãe, Catarina, naquela noite.

Ambas choraram abraçadas, permutando sentimentos.

A negra, de olhos arregalados, considerou:

– Sabe, Dona Dalva, acredito que esses fatos estejam entrelaçados. Agora mesmo continuo sentindo a presença de Maria Lúcia, como se ela estivesse aqui, junto comigo. Quem sabe, as meninas não vieram juntas fazer-nos uma visita e trazer-nos consolação?

Dalva concordou, ponderando:

– É verdade. Também penso assim, Jandira. Combinei com meu marido de ir procurar um centro espírita para obter esclarecimentos sobre esses assuntos espirituais. Nunca acreditei muito nessa coisa de “espíritos”, ou “almas do outro mundo”, mas confesso que fiquei impressionada com o que aconteceu ontem. Acho que precisamos nos informar melhor. Quer nos acompanhar?

Jandira aceitou o convite, concordando que era o melhor a ser feito.

– Tenho a íntima convicção de que realmente “estive” com minha filhinha. Sei que está viva em algum lugar e, pelas informações que ela me deu, existe muita coisa que desconhecemos. Não inventei nada e nunca imaginaria o que ela me disse. Sim, também desejo estudar o assunto.

Cheias de júbilo e de esperança separaram-se, combinando um horário para procurarem orientação numa casa espírita que distava poucas quadras dali.

Não viram as filhinhas, Maria Lúcia e Celina, abraçadas, acompanhadas da sorridente avozinha Catarina e da vovó Carmem, muito satisfeitas, participando da conversa que se desenrolava no ambiente material.

Ao chegar a hora de deixarem a Terra e voltarem para a nova morada, foi com tristeza que as meninas se despediram dos entes queridos, certas, porém, de que voltariam assim que lhes fosse permitido.

Consolava-as, todavia, o fato de terem deixado as famílias encaminhadas e frequentando reuniões espíritas, o que facilitaria muito o entendimento e o intercâmbio entre os dois mundos, pelos conhecimentos da Vida Maior que receberiam dali em diante.

17. A experiência de Fábio

Acompanhado por Alfredo, generoso amigo espiritual, Fábio, cheio de ansiedade, tomou o caminho de casa, localizada numa pequena

MAMÃE, ESTOU AQUI!

cidade próxima daquela em que estava o centro espírita onde se centralizaram as operações.

Os pais de Fábio residiam numa casinha simpática e confortável no centro da cidade.

O coração do menino batia forte ao avistar o lar terreno. Alfredo apertou-lhe a mão, lançando um olhar de compreensão e alerta, em que parecia dizer:

– Cuidado, Fabinho. Lembre-se de tudo o que aprendeu. Mantenha a calma.

Entraram. A casa estava limpa e impecável, como sempre. O pai estava trabalhando àquela hora e, geralmente, só a mãe permanecia em casa, entretida nas atividades domésticas.

Percorreram os cômodos, indo encontrar a mãezinha no antigo quarto de Fábio. Debruçada sobre a gaveta da cômoda, aberta, acariciava as peças de roupa do filho, que estavam passadas e arrumadas como se ele fosse usá-las a qualquer momento.

Fábio notou também, com emoção, que sua mãe conservara o quarto do mesmo jeito que estava no dia da sua morte. Os chinelos ao pé da cama, os carrinhos de brinquedo, a bola que usara no jogo com os amigos, tudo estava no mesmo lugar.

Passou a sentir grande mal-estar e uma imensa tristeza o tomou de assalto. Começou a chorar abraçando-se à mãezinha que, sentindo intuitivamente a presença do filho, também agora soluçava alto, com as emoções em descontrole.

Alfredo, sério e compenetrado, elevou o pensamento em prece ao Criador, aplicando energias através do passe em ambos, mãe e filho.

Fábio, mais refeito, deixou a mãe, abraçando-se ao benfeitor.

– Ajude-me, tio Alfredo.

– Peça ajuda a Jesus, Fabinho. Sua mãezinha precisa de socorro urgente e é por isso que você veio até aqui.

– O que posso fazer? – indagou o menino, limpando as lágrimas.

– Converse com ela. Não tenha medo. Aproxime-se e fale da necessidade de se conformar, confiando em Deus. Fale da sua vida, de como está se sentindo. Enfim, tranquilize-a.

O garoto acercou-se novamente da mãezinha que, percebendo o ambiente diferente, tentava aguçar as antenas espirituais, mesmo inconscientemente. Colocou a mãozinha nos cabelos dela, pensou um pouco e começou a falar.

Percebia-se que, da frente de Alfredo, mais afastado, partia uma luz que atingia a frente de Fábio, como que a transmitir-lhe inspiração naquela hora tão importante.

– Mamãezinha querida, eu estou aqui do seu lado, com a bênção de Deus. Estou muito bem, contente e mais vivo do que antes. Quero que a senhora e papai também sejam felizes como eu sou.

Fez uma pausa, buscando a aprovação de Alfredo e continuou:

– Não quero que sofra mais, pois também sofro com a senhora. Por que não dar minhas coisas para alguém que possa aproveitá-las? Nunca mais irei precisar delas. É isso mesmo! Não guarde lembranças que possam prejudicá-la. Lembre-se de mim alegre e satisfeito. Outra coisa, arrume um outro neném, alguém que venha a preencher a vida de vocês e trazer-lhes alegria. Isso lhes fará muito bem.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

A mãezinha, que não ouvia com os ouvidos do corpo, mas recebia intuitivamente as palavras do filho como benéficas sugestões, modificou sensivelmente a fisionomia.

Guardando agora o coração cheio de esperança e consolação, sorria consigo mesma, confiante.

– Isso mesmo, mamãe. Muito bem! Sempre que puder virei vê-la. Confie em Jesus.

Nesse momento o pai entrava em casa, terminado o turno de serviço.

Olhou a cozinha desanimado. O fogão estava apagado e não havia vestígio de que uma refeição, mesmo ligeira, tivesse sido preparada.

Suspirou, encaminhando-se para o quarto do filho falecido, sabendo que ali encontraria a esposa a chorar, como sempre.

Surpreso, contudo, encontrou a mulher bem diferente. Risonha, retirava as roupas das gavetas, colocando tudo numa grande caixa de papelão.

– O que houve, querida? – perguntou.

Vendo-o, ela enlaçou o marido com a fisionomia radiante.

– Querido, aconteceu um milagre! Sinto-me completamente diferente agora. Imagine que senti como se nosso querido Fábio estivesse aqui em casa, nos visitando. Percebi que não gostou de me ver chorando e resolvi mudar de uma vez. Fez uma pausa e prosseguiu:

– Que tal dar as roupas, calçados, brinquedos e tudo o mais que pertenceu ao nosso Fabinho para crianças necessitadas?

O marido, cheio de emoção, abraçou-a carinhosamente.

– Que boa notícia, querida. Desistira da ideia de fazê-la mudar de atitude. Deus sabe o que faz e se julgou melhor que Fábio partisse, só podemos nos conformar.

Ela concordou com um gesto de cabeça.

– Sabe, querido, estive pensando. Sinto falta de uma criança a andar pela casa; sinto falta de risos, da alegria que sempre tivemos. Acho que estamos sozinhos por um tempo demasiadamente longo. Que tal arranjarmos um outro filho?

Arregalando os olhos, cheio de espanto, o marido deixou que as lágrimas lhe corressem pelo rosto.

– Ah! querida, tanto tenho desejado um outro filho, mas você nunca concordou. Creio mesmo que ocorreu um milagre, hoje, aqui nesta casa. Graças a Deus! Nossa vida vai mudar de ora em diante.

Abraçado à esposa, elevou um pensamento de gratidão ao Criador, sem saber que, naquele momento, ali mesmo, aquele que fora seu filho e que julgara perdido para sempre, os abraçava cheio de contentamento.

Nova onda de esperança e de paz envolvia a casa. O ambiente, antes carregado e cheio de tristeza, agora se impregnava de vibrações doces e harmoniosas.

Quando Alfredo e Fábio deixaram a casa, no dia seguinte, estavam também satisfeitos e com a agradável sensação do dever cumprido.

Para Fábio foi uma experiência fascinante. No futuro retornaria outras vezes ao lar terreno, mas guardaria essa primeira visita como das lembranças mais caras ao coração.

18. Refazendo a vida

Aproximando-se do prédio de apartamentos onde residiam quando encarnadas, Marta e a pequena Letícia apressaram o passo.

Acompanhadas por Romano, um amigo de longa data, penetraram no vestibulo, apertando-se as mãos, temerosas da nova experiência, não obstante felizes por poderem rever os entes queridos.

Romano fitou-as com sorriso encorajador, afirmando:

– Relaxem! Fiquem tranquilas. Lembrem-se do que aprenderam e, diante de qualquer problema, façam uma prece. Ficarei esperando na praça, do outro lado da rua.

Concordando, Marta e Letícia despediram-se do amigo, enquanto transpunham a porta do lar terreno.

Eram de família abastada e o apartamento amplo era decorado com muito bom gosto.

Ao entrar, Marta estranhou a decoração. Tudo estava diferente, outros móveis, quadros desconhecidos nas paredes. A única coisa antiga que permanecia na sala era uma foto em que apareciam ela e Letícia. Reconheceu-a com emoção, pois fora tirada numa ocasião particularmente agradável, durante as últimas férias que haviam passado juntas com a família numa conhecida praia do litoral paulista.

Tudo o mais era estranho.

Ainda surpresa e algo decepcionada, Marta viu penetrar na sala uma mulher jovem, bonita, elegante, e que se movimentava com desenvoltura.

A jovem senhora acomodou-se no sofá, enquanto Marta e Letícia se perguntavam quem seria aquela mulher desconhecida, que agia como se fosse dona da casa.

Nesse momento entra no recinto um homem sorridente. Marta e Letícia se enchem de alegria por rever o esposo e pai, e correm para abraçá-lo.

Nesse preciso instante, sem vê-las, Osvaldo aproxima-se da desconhecida e beija-a com carinho.

Revoltada, Marta se irrita com o comportamento do marido e põe-se a escutar o que eles conversam, acreditando-se sozinhos.

– Sou tão feliz, Natália! Desde que nos casamos minha vida mudou. Vivia muito triste e deprimido após a morte trágica da esposa e da filhinha tão queridas, quando nos conhecemos. Ainda sinto imensa saudade de ambas, contudo agora tenho ânimo para trabalhar e viver.

Um garoto de quatro anos entrou correndo e gritando:

– Mamãe! Mamãe! Veja o que encontrei. Uma borboleta!

Cheia de saudade, Marta viu o filho que deixara, ainda quase um bebê, e correu para ele. Todavia, o menino jogou-se nos braços da outra, carinhoso.

Marta retraiu-se, notando que, para o filhinho, a mãe era aquela que chamavam de Natália, e não ela, que ele nem conhecia.

Encolheu-se num canto do aposento, arrastando Letícia consigo, enquanto lágrimas de inconformação lhe desciam pelo rosto. Sentia-

MAMÃE, ESTOU AQUI!

se esquecida, desprezada e uma intrusa dentro do próprio lar, quando intrusa, na verdade, era a outra.

Nesse instante Romano entrou na sala, caminhando direto para o local onde se encontravam as suas amigas desencarnadas.

Marta fitou-o, queixosa e irritada:

– Você sabia disso, não é?

– Sim. Contudo, Marta, você precisava descobrir por sua própria conta e vencer o seu apego às coisas terrenas.

– Não vou perdoar-lhes. Nunca! – exclamava Marta, revoltada por aquilo que julgava uma traição do marido.

A pequena Letícia, demonstrando superioridade, considerava amorosa:

– Coitado do papai, mãezinha. Ele ficou muito sozinho e precisava de alguém que lhe fizesse companhia. Além disso, veja como Tiago gosta dela e ela também dele. Que bom que meu irmãozinho tem, como eu, uma mamãe carinhosa. Às vezes eu ficava pensando, como estaria ele sem uma mãe para dar-lhe banho, fazer a mamadeira e colocá-lo na cama. Estou feliz porque agora “sei” que ele também está feliz.

Ouvindo a filhinha falar, Marta olhou para o quadro formado por Osvaldo, Natália e Tiago, que parecia realmente uma família, conversando e rindo, sem saber que existiam outras pessoas que os estavam ouvindo. Examinou melhor Natália e percebeu que era criatura boa e amorosa, preocupada com o bem-estar da família.

Nesse momento, com os olhos úmidos, ela concordou com Letícia, emocionada:

– Tem razão, filhinha. Precisamos ser gratas a ela por cuidar do papai e do Tiago, não é?

E assim dizendo, aproximou-se de Natália, envolvendo-a num grande abraço, extensivo ao marido e ao filho pequenino.

Natália, demonstrando sensibilidade apurada, comentou, olhando o retrato:

– Sinto como se Marta e Letícia estivessem aqui conosco, aprovando nossa união.

Osvaldo abraçou a esposa, concordando:

– Ainda há pouco tive a mesma sensação, querida, e urna saudade muito grande me apertou o coração.

– Espero que a querida Marta, onde estiver, compreenda que nunca desejei tomar o lugar que lhe pertence. Ela continua sendo a sua esposa e mãe de Tiago – afirmou, com humildade.

Cheia de gratidão, Marta olhou para Letícia, compreendendo que nenhuma nuvem mais toldava sua felicidade.

Romano abraçou-as, satisfeito. Haviam vencido a prova e crescido espiritualmente, fortalecendo-se.

Ainda permaneceram mais algumas horas em contato com a família. Depois partiram, certas de que a paz e a harmonia habitavam naquele lar, onde voltariam sempre que Deus permitisse.

19. Ajuda espiritual

Viviane e Fabrício despediram-se dos amigos que ficaram na casa espírita, os quais tão generosamente os acolheram, e partiram na companhia da Tia Vera e do Vovô Mártus.

Eram gêmeos, e o golpe foi duplo para os pais que os perderam num acidente fatal.

Voltavam da escola quando, ao dobrarem uma esquina, foram atropelados por um caminhão desgovernado, que, arrastando-se por algumas dezenas de metros, bateu num poste, ferindo também o motorista, que veio igualmente a desencarnar.

Agora, retornavam pela primeira vez ao lar terreno e, ansiosos, não viam a hora de abraçar os pais.

Foi com alegria que, à distância, viram a casa, localizada num elegante bairro residencial afastado, toda pintada de branco, com grande jardim na frente e gradil marrom.

Entraram. Um ambiente de desolação e tristeza tomava conta de tudo. A casa estava às escuras e, seguindo a luz no fundo do corredor, penetraram no quarto do casal.

A mãe, adoentada, jazia na cama. O pai, preocupado, lia um jornal sentado na poltrona preferida, vigiando a esposa que, vez por outra, agitava-se, presa de cruéis padecimentos.

– O que está acontecendo com a mamãe? – indagou Fabrício ao avô Mártus.

– Nossa querida Vanda está enferma, como podem ver – respondeu o interpelado com serenidade.

– Mamãe está doente? Mas, qual é o problema? – perguntou Viviane por sua vez, aflita.

– Meus queridos, lembrem-se do que estudaram acerca da importância da manutenção do equilíbrio, pela vigilância dos pensamentos?

As crianças concordaram meneando a cabeça.

– Pois bem. Quando vocês deixaram o corpo físico, a mamãe entrou em desespero e revolta, desequilibrando-se física e espiritualmente. Não aceitando a morte dos filhinhos, passou a emitir pensamentos de ódio e rancor contra o motorista, causador do acidente. Dessa forma, atraiu o infeliz, que também não resistira à batida, vindo a falecer, e passou a conviver com ele, sentindo suas dores e problemas, reflexo dos ferimentos ocasionados pelo acidente.

Fazendo uma pausa, Vovô Mártus apontou:

– Vejam. Ali está ele, infeliz e sofredor, sem saber direito o que está acontecendo.

Viviane e Fabrício olharam na direção indicada e, só então, viram um vulto escuro agachado no canto, ao lado do leito.

Com os olhos arregalados de espanto, aproximaram-se e perceberam uma entidade desencarnada, com o peito machucado e a cabeça ferida, gemendo dolorosamente.

Conforme o infeliz acidentado gemia, a senhora, prostrada no leito, gemia também, levando a mão, ora ao peito ora à cabeça.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Oh! Meu Deus! Que dor sinto no peito. É como se meu tórax tivesse sido esmagado – murmurou ela.

O esposo, erguendo-se da poltrona, acercou-se do leito, solícito:

– Tenha paciência, minha querida. O remédio logo começará a fazer efeito e as dores cessarão.

– Não sei, Romeu. Minha cabeça parece que vai explodir de tanta dor. Não seria melhor consultar outro médico?

– Se desejar, não vejo inconveniente nisso. No entanto, Vanda, os exames solicitados pelo médico não localizaram qualquer problema!

– Mas a dor que sinto é real, Romeu.

– Não duvido, querida. Contudo, os sintomas surgiram...

– Eu sei o que você vai dizer. Surgiram após o acidente que vitimou nossos filhos, ocasionado por aquele miserável que, como castigo divino, também perdeu a vida. Eu odeio aquele homem. Ele destruiu nossa felicidade e, onde estiver, quero que sofra as penas do inferno.

Ouvindo que falavam sobre sua pessoa, o motorista levantou-se, desesperado:

– Quem me chama? Quem me acusa? Tenha piedade! Sofro muito, estou ferido gravemente e ninguém me socorre. Sei que causei a morte de duas crianças e a visão delas não me dá paz. Quando sairei deste inferno? Não sou culpado, o caminhão desgovernou-se e perdi a direção. Piedade! Piedade! Alguém me ajude! Socorro! Socorro!

E o infeliz gritava e se debatia, tentando justificar-se perante aquela mãe que o acusava sem cessar pelo trágico acidente. Ao mesmo tempo, a mãezinha, em terrível crise, gritava e chorava no leito, não suportando as dores que haviam recrudescido, apesar do medicamento que tomara pouco antes.

Penalizadas, as crianças sentiam-se desejosas de algo fazer para amenizar os sofrimentos do pobre motorista e da querida mãe, que parecia dementada sob a influência do desencarnado.

– Compreenderam? – indagou o avô. – Vanda sofre pela presença espiritual daquele a quem atraiu, ligando-se a ele por pensamentos de revolta.

– O que fazer, vovô? – inquiriu Fabrício.

O ancião, fitando a filha que jazia na cama, entregue à nova crise enquanto o marido tentava acalmá-la, ponderou:

– Podemos fazer muito, meus netos. Começaremos melhorando o ambiente através de uma prece.

Os quatro ali reunidos, Viviane, Fabrício, Vera e Vovô Mártus, elevaram o pensamento a Jesus, suplicando ajuda para Vanda e Geraldo, o motorista desencarnado. Em seguida, Mártus e Vera aplicaram passes em ambos os necessitados.

Em poucos minutos, as vibrações deletérias foram retiradas e o ambiente espiritual ficou mais leve e agradável.

Sentindo as dores minoradas, Geraldo acalmou-se, e, conseqüentemente, Vanda ficou mais tranquila.

Fitando as crianças, o avô esclareceu:

– Sabíamos a situação que iríamos encontrar e a presença de vocês aqui, hoje, tem a finalidade de ajudar este irmão sofredor e também a mamãe.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Só vocês poderão auxiliar Geraldo. Aproximem-se e conversem com ele. Acredita que causou-lhes a morte. Mostrem-lhe que está enganado. Compreenderam?

– Sim – responderam em uníssono.

Em seguida, acercaram-se mais do desencarnado, que se aquietara e parecia dormir.

– Geraldo! Geraldo! – chamaram, tocando levemente em seu ombro.

Levando um susto, o motorista abriu os olhos, erguendo a cabeça surpreso:

– Quem me chama?

– Somos nós! – disse Fabrício com graça.

A entidade viu as crianças à sua frente.

– Quem são vocês?

– Não nos reconhece? – indagou Viviane.

Observando-os melhor, Geraldo viu uma garotinha sardenta e de tranças, e um menino de cabelos claros, bem curtos. Sobressaltou-se:

– Não! Não pode ser! Vocês morreram.

– Acalme-se, Geraldo. Sim, somos nós mesmos. E como pode ver, estamos bem vivos.

– Como pôde acontecer isso? Devo estar muito mal mesmo! – murmurou o motorista, sem compreender o que estava ocorrendo.

– É simples! – afirmou Fabrício. – A verdade é que ninguém morre. Por isso, continuamos vivos.

– Vieram acusar-me pelo acidente, com certeza. O remorso não me dá paz. Não tive culpa. Piedade!

– Não viemos acusar ninguém, Geraldo, longe disso. Queremos ajudá-lo. Está ferido e precisando de socorro.

Ainda perturbado, o desencarnado questionou:

– Se vocês já morreram, como posso vê-los e tocá-los?

– Porque você também deixou seu corpo físico naquele acidente.

– Quer dizer que morri?! – falou, aparvalhado.

– Sim. Mas, sente-se morto?

– Não. Ao contrário, estou vivo, ferido e sinto muitas dores.

– Pois é. Essas dores são reflexo do que seu corpo material sentia. Quando você se conscientizar de que não tem mais o corpo de carne, dores desaparecerão.

Surpreso pelas informações, Geraldo exclamou:

– Ah! Meu Deus! O que fui fazer? Perdi a minha vida e ainda causei a morte de duas lindas crianças!

– Não pense mais nisso agora. Deus, que é Nosso Pai, sabe o que faz. Se isso aconteceu é porque tinha que acontecer. Não se martirize. Pense que a vida continua, que ninguém morreu e que você tem muito o que aprender neste novo mundo.

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Geraldo aquietou-se, parecendo refletir em tudo o que as crianças haviam dito. Depois, preocupado com o futuro, perguntou:

– E agora?

Vovô Mártus adiantou-se e informou, satisfeito com o desfecho da conversa:

– Não se preocupe. Agora, você será levado a um hospital e receberá toda a assistência que precisa.

Sem que as crianças soubessem de onde, surgiram dois enfermeiros do nosso plano espiritual e, colocando o motorista em uma confortável maca, transportaram-no para a casa espírita, que funcionaria como pronto-socorro, até que retornássemos à nossa colônia.

Viviane, Fabrício e Vovô Mártus abraçaram-se, satisfeitos pelo trabalho realizado, enquanto Vera atendia a senhora no leito.

Tranquila, Vanda soergueu-se nos travesseiros, suspirando reconfortada:

– Querido, parece um milagre. As dores desapareceram e sinto-me muito bem. Desejaria até tomar uma sopa.

Aliviado, o marido comentou:

– Deve ser o efeito do analgésico que você tomou.

– Não – afirmou a senhora, convicta. – Algo diferente aconteceu aqui, Romeu. De outras vezes, o remédio não fazia efeito e as dores continuavam, ininterruptas.

Surpreso, o esposo levantou-se e foi providenciar a refeição que Vanda havia solicitado.

Retornou pouco depois trazendo uma bandeja com um prato de caldo reconfortante, um copo de suco de laranja e uma fatia de pão.

A enferma sentou-se, recostada nos travesseiros, e ingeriu o caldo com apetite. Em seguida, comentou:

– Não acha, querido, que o ambiente está diferente?

– Sim, também sinto a mesma coisa.

Nisso batem à porta e Romeu vai atender, retornando com uma visita que adentra o quarto. É Elvira, uma amiga da dona da casa.

Trocaram cumprimentos e começaram a conversar. Elvira ficou agradavelmente surpresa ao encontrar Vanda tão bem disposta.

– É verdade, Elvira. Estou ótima. Há poucos minutos estava péssima, cheia de mal-estar, angústias e dores. Sentia-me revoltada com a morte dos filhinhos e odiando o motorista que provocou o acidente. Agora, tudo passou.

Elvira, que era espírita, percebeu a presença dos desencarnados e comentou:

– Não é de admirar! Está recebendo visitas espirituais muito queridas, hoje. Vanda, seus filhinhos, Viviane e Fabrício, estão aqui, bem como um senhor que não conheço, mas que deve ser seu pai.

– Viviane! Fabrício! Papai! É verdade, mesmo? – falou, comovida, sem poder acreditar no que ouvia.

– Sim. Sr. Mártus pede lhe transmita um recado. Diz assim: “Minha querida filha, lembre-se de Deus e ore muito. Não culpe o motorista pelo acidente. Ele também é um necessitado. Cultive otimismo, esperança e paz. Seus filhos estão bem e continuam amando muito a vocês”.

Emocionado até as lágrimas, o casal queria saber mais. Fizeram muitas perguntas para Elvira a respeito da sobrevivência do espírito e da possibilidade de os mortos se comunicarem com os vivos. Estavam fascinados pelas informações tão consoladoras que estavam recebendo, e que mudariam radicalmente sua maneira de pensar.

No final, anunciaram que passariam a frequentar o centro espírita local.

Permaneceram ainda muitas horas conversando, sem ver o tempo passar. Ao se despedirem de Elvira, com grande abraço em que demonstravam sua gratidão, Vanda afirmou:

– Foi Deus quem a enviou aqui hoje. Sua visita nos fez grande bem. Nem sabemos como agradecer. Volte sempre.

Os gêmeos passaram horas muito agradáveis no lar, matando a saudade dos familiares e sedimentando as conquistas espirituais realizadas. Quando chegou a hora de partirem, Viviane e Fabrício, Vovô Martus e Vera deixaram a casa com ambiente completamente diferente, cheia de harmonia e paz; e os pais, tranquilos e consolados por terem a certeza de que os queridos filhos continuavam vivos e muito bem.

As crianças desejavam também saber notícias de Geraldo, tão sofredor, que partiria com eles para a colônia espiritual, e combinaram visitar o novo amigo no hospital.

Viviane e Fabrício haviam participado de um trabalho socorrista importante e teriam muito o que contar aos amiguinhos.

20. Gente nova na família

De mãos dadas com Otávio, o diretor da Escola “Recanto das Flores”, Ana Paula caminhava tagarela. Estava impaciente para ver a mamãe.

– Estamos chegando, Aninha. Lembre-se de tudo o que aprendeu na escola, está bem?

– Sim. Não vou esquecer, tio Otávio.

O quarteirão do bairro pobre demonstrava lastimável abandono: sujo, com as ruas cheias de lixo acumulado. A casa surgiu ao virarem uma esquina e o coração de Ana Paula pulou de contentamento.

Naquela região tudo era velho e feio, mas para a menina era o lugar mais lindo do mundo.

Entraram. A casa, caindo aos pedaços, demonstrava a situação econômica precária de seus donos.

Cheia de alegria, Ana Paula viu a mãe na cozinha lavando louças. Aproximou-se envolvendo-a num grande e saudoso abraço.

– Mamãe, que saudade! Quanta falta senti da senhora!

Talvez percebendo, intuitivamente, a presença da menina, a senhora pôs-se a chorar, lembrando-se da filhinha tão querida que o

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Senhor havia chamado para junto Dele.

Nesse momento, ouvem a voz de um homem que chega falando alto. Luzia limpa as lágrimas com a ponta do avental. Não deseja que o marido a veja neste estado.

Aninha vê o pai entrar na cozinha completamente alcoolizado, fica estarelecida e olha para Otávio buscando ajuda. O acompanhante espiritual, com um gesto, solicita-lhe que mantenha a calma.

Pedro joga-se numa cadeira, enquanto recrimina a esposa:

– Andou chorando de novo? É só isso o que você sabe fazer? Não sabe fazer mais nada? E a minha comida? Só tem isso?

Fazendo esforços para controlar-se, a mulher responde:

– O que posso fazer, Pedro? Você deve dar graças a Deus por ainda termos algo para comer. Ganho pouco com as costuras, e você, desde que nossa filhinha morreu, só faz beber. Perdeu o emprego, não trabalha mais e só vive de bar em bar. Isso lá é vida?

Ele ia retrucar, mas um choro de criança soou no quarto e a senhora foi atender.

Surpresa, Ana Paula acompanhou a mãe. Num berço, ao lado da cama do casal, um lindo bebê de seis meses reclamava sua alimentação.

A mãe tomou-o no colo e ofereceu-lhe o peito farto. No mesmo instante a criança parou de chorar, sugando avidamente o leite materno.

Aninha procurou Otávio com os olhos, buscando uma explicação.

– É seu irmãozinho, Ana Paula. Chama-se Renato.

– O senhor já sabia do bebê, tio Otávio?

– Sabia.

– Por que não me contou?

– Queríamos fazer-lhe uma surpresa, Aninha. Seus pais estavam precisando de ajuda. Após a sua partida para o plano espiritual, estava previsto que receberiam um novo filho em seu lar para ajudá-los a superar as dificuldades da vida.

– Ah!...

À primeira vista, Ana Paula sentiu uma pontinha de ciúme; depois, encantada com o bebê rosado e saudável, não saiu de perto dele, observando a mãe que, após a mamada, trocava-lhe as fraldas.

– Não é lindo, tio Otávio? Gostaria de pegá-lo no colo, abraçá-lo...

Entra no quarto o pai de Aninha. Arrependido, aproxima-se da esposa e abraça a ela e ao bebê, sem saber que também está abraçando Aninha, junto deles.

Otávio aproxima-se do grupo familiar e aplica um passe em Pedro, que muda aos poucos a atitude mental.

Sentindo a presença espiritual tão querida, Pedro desculpa-se com a esposa:

MAMÃE, ESTOU AQUI!

– Você está coberta de razão, Luzia. Tenho agido muito mal ultimamente. Sei que tenho faltado com os meus deveres de chefe da casa e se não passamos fome é porque você trabalha duro na máquina de costura, para suprir as nossas necessidades.

Fez uma pausa e, deixando que as lágrimas corressem pelo rosto, prosseguiu:

– A verdade é que depois que a nossa Aninha partiu perdi a vontade de lutar, de trabalhar e até de viver. Não consigo imaginar a vida sem ela. Parece um pesadelo que nunca tem fim. Desejo acordar e ver que tudo foi um sonho mau. Mas, no fundo, sei que é verdade e me desespero.

Otávio fez um sinal a Aninha, dizendo:

– Agora é a sua vez. Converse com eles. Console-os.

A menina envolveu o pai e a mãe num abraço afetuoso, ao mesmo tempo que lhes afirmava:

– Mamãe! Papai! Estou aqui junto de vocês. Estou mais viva do que nunca e continuo a amá-los, sempre. Não chorem. Tenho uma vida boa e nada me falta. Tenho amigos, vou à escola e brinco bastante. Não lamentem a minha partida. Deus é Pai bom e amoroso, sabe o que faz, e se achou de me chamar para junto Dele, é porque era o melhor para todos nós. Fiquem tranquilos. Vocês agora têm um novo bebê para cuidar e o meu irmãozinho precisa muito da atenção e do carinho dos pais. Cuidem bem dele. Sempre que puder estarei com vocês. A morte não é o fim, é o princípio de uma nova vida.

Da frente de Otávio partiam fios luminosos tênues e delicados que, atingindo a cabeça de Aninha, transmitiam-lhe as palavras de consolação que a menina, por sua vez, repassava aos pais.

Com a elevação das vibrações mentais, o ambiente ficou mais leve e agradável.

Pedro, mais refeito e com nova disposição, prometeu à esposa que ia mudar de comportamento.

– Luzia, não vou beber mais e, amanhã mesmo, começarei a procurar um emprego.

– Não sei por que, Pedro, sinto como se a nossa filha estivesse aqui conosco neste instante. Não sei explicar, mas “sei” que Aninha está aqui.

Profundamente emocionados, os esposos se abraçaram.

Sob a alegria geral, Otávio e Ana Paula oraram a Jesus agradecendo a oportunidade de ajuda que tiveram.

Otávio deixou Aninha para que ela aproveitasse a convivência da família durante o tempo que ainda lhes restava. Terminado o prazo, retornou para buscá-la. Encontrou a família reunida e muito feliz.

– Querida – dizia Pedro, renovado –, agora que consegui trabalho numa oficina mecânica, você não vai precisar se esforçar tanto. Trabalharei duro para que nada falte nesta casa.

Abraçando-o, Luzia mentalmente agradecia a Deus o amparo que lhes dera.

– Sabe, Pedro, tenho pensado muito nestas últimas horas. Na mudança que se operou na nossa vida, em seu comportamento, em mim, que só via as coisas pelo lado negativo. Tudo começou ontem, quando sentimos o ambiente diferente e a presença da nossa querida Aninha.

- É mesmo! Também sinto isso, mas não tive coragem de dizer.
- E tem mais uma coisa. Lembra-se quando o “Seu” Onofre veio oferecer-lhe serviço na oficina?
- Lembro. Eu não estava em casa. Tinha saído cedinho para procurar emprego.
- Isso mesmo. Logo em seguida ele chegou. Pois bem, abri a porta, conversamos e, antes de ir embora, ele me disse: “Dê um abraço naquela menina simpática que me recebeu, tão gentil. Gostaria de despedir-me dela, mas deve ter ido lá para dentro, pois não a vejo mais”.
- Fez uma pausa, diante do espanto do marido, e concluiu:
 - Não adiantou ter-lhe dito que eu estava sozinha em casa com o bebê. Sorriu e continuou afirmando ter visto uma garotinha que, pela descrição, só pode ser a nossa Ana Paula.
 - Por que não me contou antes, querida?
 - Tive receio da sua reação. Sei que não acredita em vida após a morte...
 - Pois hoje à tarde pensei muito sobre esse assunto na oficina, e começo a achar que estava errado. Tenho um colega de serviço que é espírita. Numa hora de folga aproveitamos para conversar e ele disse coisas muito interessantes. Prometeu até emprestar-me um livro espírita. Eu estava curioso e, após o que você acaba de me contar, fiquei mais curioso ainda.
 - Graças ao Senhor, a felicidade voltou ao nosso lar. Sinto que nossa filha está contente também.
- Ana Paula despediu-se dos pais, envolvendo-os num grande e carinhoso abraço. Depois, virou-se para o bebê, que estendeu os bracinhos todo sorridente.
 - Viu, tio Otávio, Renatinho está me vendo!
- Otávio e Ana Paula deram-se as mãos, trocando um olhar de entendimento:
 - Parabéns, Aninha. Missão cumprida.
- Ganharam a rua, deixando a casa num clima totalmente renovado e sob novas esperanças. Dali por diante, tudo caminharia bem e eles voltariam, sempre que possível.

21. Despedidas

- Aos poucos os grupos chegavam. A cada equipe que retornava, novas demonstrações de alegria e indagações curiosas:
- E daí, como foi? Correu tudo bem?
- Todos tinham novidades para contar. Dizia Ana Paula, eufórica:
- Agora tenho um novo irmãozinho. Chama-se Renato e, apesar de ter apenas seis meses, ele me viu e estendeu os bracinhos para mim!

MAMÃE, ESTOU AQUI!

Roberta, toda feliz, contava a sua experiência:

– Minha cachorrinha também percebeu minha presença! E sabem o que mais? Agora tem cinco filhotinhos, lindos como a mãe! Um é branco, dois são pretos e os outros são malhados. Uma fofura!

Abraçavam-se, felizes pelo reencontro, todos sentindo doces vibrações de bem-estar, hauridas em contato com os familiares encarnados e que tanto bem lhes fizeram.

Cada um retornava mais fortalecido, mais consciente do que lhe cumpria realizar e mais amadurecido pelas experiências.

O aprendizado fora rico de situações novas e todas as crianças portaram-se à altura do que haviam estudado e do que se esperava delas.

Trocavam ideias, contavam as novidades e sorriam, cheias de justa satisfação.

Em cada rostinho, belo e estuante de vida, percebia-se uma nova expressão, uma luminosidade diferente, como se naqueles poucos dias houvessem crescido. Mostravam ponderação, discernimento e equilíbrio espiritual, conquanto exteriormente continuassem a ser as crianças de sempre, alegres e graciosas.

O ambiente da casa espírita encontrava-se preparado para receber os visitantes em seu retorno. Intensamente iluminado, o salão estava todo florido, e o colorido e o aroma das flores espalhavam-se por todo o ambiente.

Era uma verdadeira festa.

Chegara a última equipe, formada por Viviane, Fabrício, Vovó Mártus e Vera.

Após algum tempo de confraternização, os responsáveis pela excursão reuniram os participantes no salão. Presentes também os diretores e trabalhadores espirituais da casa, inicia-se a reunião.

Vovó Carmen é solicitada a dizer algumas palavras em agradecimento. A simpática senhora fita a cada um com imenso carinho e, em seguida, começa a falar:

– É com grande alegria e justa satisfação que nos reunimos aqui hoje. Após o trabalho realizado, com excelente resultado e aproveitamento, só temos a agradecer à equipe espiritual desta casa que nos assessorou com tanta competência, ajudando-nos nas tarefas esclarecedoras e socorristas. Agradecemos a todos os que nos acompanharam, fazendo parte desta caravana, generosos, dando-nos apoio e sustentação na execução dos compromissos.

Fez uma pausa e, olhando os pequenos de forma especial, prosseguiu:

– Às nossas crianças, só posso dizer que sinto muito orgulho de vocês. Souberam se comportar de maneira admirável, demonstrando, nas situações mais difíceis, o aproveitamento das lições que tiveram. Hoje, vocês estão, com certeza, mais experientes e seguros, preparando-se para as tarefas que virão no futuro. Que Jesus possa abençoá-los sempre. Para finalizar, solicito à Celina para fazer a prece.

A menina adiantou-se um pouco e, com seriedade e confiança, elevou a voz cristalina, enquanto suave melodia ouvia-se, vinda dos espaços infinitos, como se cantada por um coro de anjos.

“Querido Jesus! Agradecemos a oportunidade que o Senhor nos deu de participar desta excursão, de podermos rever o papai, a

MAMÃE, ESTOU AQUI!

mamãe, os irmãozinhos e o lar que deixamos aqui na Terra. Que todos eles possam ser tão felizes como nós somos. Também agradecemos por poder ajudar os que precisam de socorro.

“Permita, Jesus, que possamos retomar outras vezes para matar as saudades que trazemos dentro do peito. Para isso, prometemos nos esforçar e aprender cada vez mais. Que a Sua paz nos envolva sempre em todos os lugares que o nosso Pai Maior criou para morarmos. Assim seja.”

Terminou a oração e os presentes estavam muito emocionados. Pétalas de luz suaves e radiantes caíam sobre adultos e crianças, delicadamente, desfazendo-se em contato com a pele e enchendo a todos de bem-estar, paz e alegria.

Fortalecidos, os caravaneiros preparavam-se para partir, retornando ao seu local de origem.

As despedidas se fizeram entre lágrimas e abraços carinhosos, com a promessa de poderem estar juntos assim que Deus o permitisse.

Saíram, acenando adeuses.

O sol desaparecera no horizonte e a noite se enchera de pontos luminosos.

Ganharam o espaço percorrendo as distâncias e fitando o céu estrelado, onde infinidade de mundos giravam em suas órbitas.

A grandeza de Deus patenteava-se a seus olhos. Apertaram-se as mãos, felizes e reabastecidos espiritualmente, prontos a recomeçar suas atividades normais na cidade onde agora tinham um novo lar.

Marcelo

Sociedade Espírita Maria de Nazaré, Rolândia (PR), 25/4/1995.